

teatrais, musicais e eventos, realizados na Universidade Estadual de Maringá, ou em outros locais como parte das ações itinerantes do museu (SOBRE O MUDI).

Dentro do MUDI existem vários ambientes, dentre eles o ambiente da química, um espaço interdisciplinar, que leva o visitante a perceber a interação entre a biologia, a química e a bioquímica, ou seja, um ambiente de conhecimento científico que dialoga com outras áreas, e que permite que essa visitação ocorra de modo mais interativo e lúdico. Dessa forma o objetivo do projeto foi desenvolver ou atualizar ferramentas para auxiliar o repasse dos conteúdos de química e bioquímica além de biologia com o intuito de melhorar o atendimento ao público, além de fornecer informações atualizadas a respeito das mesmas áreas temáticas, de uma forma educativa e agradável;

MATERIAIS E MÉTODOS

Treinamento de monitores: A fundamentação teórica e prática, que permitem o embasamento para os acadêmicos monitores, é realizada através de palestras ministradas por professores e graduandos integrantes a mais de um ano no projeto de extensão.

Estudos teóricos, desenvolvimento de novas estratégias de atendimento: A proposta desta etapa é desenvolver ações inovadoras que possibilitem ampliar os instrumentos de atendimento ao público, ou melhorar a estrutura ou técnicas já desenvolvidas no espaço

Atendimentos a visitantes por meio de visitas monitoradas agendadas e espontâneas: Os atendimentos foram realizados de terça a sexta no período integral, nas quartas à noite e domingos à tarde, por diferentes monitores, sendo que o bolsista desse projeto PIPIS atuou com 8h de atendimento na química e 8h de atendimento na botânica, dessa forma o aluno teve oportunidade de exercer uma interdisciplinaridade mais profunda.

Apresentação de trabalhos em eventos de extensão e científico: o aluno irá apresentar trabalho no fórum de extensão no ano de 2016 que ainda ocorrerá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2015, o aluno em questão, toda a segunda-feira auxiliava na manutenção dos ambientes do MUDI, não apenas da química, quartas, quintas e sextas-feiras realizava os atendimentos, enquanto que no ano de 2016 em virtude da alteração horário acadêmico ele passou a realizar a manutenção dos ambientes do MUDI, não apenas da química, as segunda de manhã e os atendimentos foram realizados as terças-feiras de manhã e sextas-feiras a tarde.

No período de setembro de 2015 a agosto de 2016 foram atendidos 12273 visitantes sendo 11061 visitantes pertencentes a diferentes graus de escolaridade (tabela 1), e 1212 de visitantes espontâneos.

Nesse período foram atendidas, cerca de, 10775 visitas monitoradas agendadas, sendo que o maior número de visitas ocorreram entre os meses de setembro a novembro de 2015 e nos meses junho e agosto de 2016, de acordo com o grau de escolaridade, o público atendido foi distribuídos da seguinte forma 722 do ensino infantil, 1792 do

ensino fundamental I, 3748 do ensino fundamental II, 2762 do ensino médio, 146 do educação para jovens e adultos (EJA), 388 ensino técnico, 634 ensino superior, 583 outros, sendo que de todos os visitantes atendidos 8702 conheceram todos os ambientes e 1087 foram direcionados para o ambiente espaço da química.

Adicionalmente, neste período de vigência do projeto, o museu recebeu visitantes de 97 cidades diferentes dos estados do PR, SP, SC, MT, AM, PE, BA, MS, RJ, GO, MG e PE. Foram recebidos ainda visitantes do Estado da Califórnia dos Estados Unidos, Hong Kong da China e Nova Guatemala na Guatemala.

Tabela 1: Apresenta a porcentagem de visitas monitoradas classificadas por níveis de escolaridade, atendidas no período de setembro de 2015 á agosto de 2016.

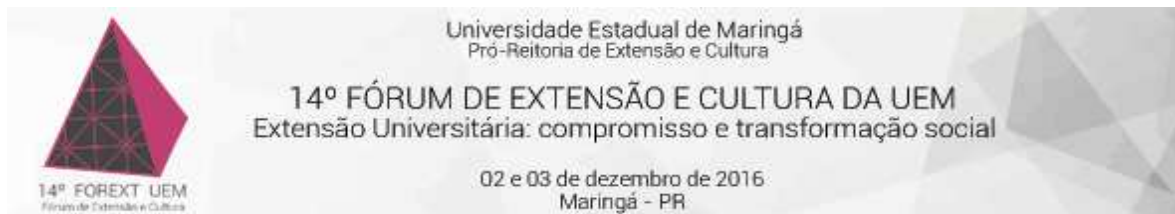
Níveis de ensino	EJA	Fundamental 1	Fundamental 2	Infantil	Médio	Outros	Superior	Técnico
Visitas Monitoradas (%)	2	15	31	4	30	6	7	5

Com relação ao experimento realizado na prática de descalcificação do ovo, utilizando ovos de codorna e ácido acético (vinagre), foi uma atividade empregada para abordar o processo de osmose, os conceitos relacionados, tais como gradiente de concentração, pressão osmótica, plasmólise, hemólise e etc, em células animais e vegetais, bem como suas implicações no funcionamento destes organismos. Foram levantadas questões como, por exemplo: Por que a salada murcha após ser temperada com sal? Quais os conceitos de solução, soluto e solvente? Pressão hidrostática e osmótica são sinônimos? Como os animais conseguem regular seus níveis de osmolaridade?.

Assim, como no processo de descalcificação foi utilizada uma solução ácida é possível uma abordagem teórica sobre conceitos de ácido e base, indicadores de pH e indicadores naturais obtidos de plantas (azul de bromotimol ou repolho roxo). Por apresentar cores diferentes conforme a acidez ou basicidade do meio em que se encontra, o extrato de repolho roxo pode tornar-se um bom indicador natural de pH, substituindo, ainda que para menor número de faixas de pH, os papéis indicadores universais, que só podem ser adquiridos em lojas especializadas e não são encontrados em todas as regiões do país (GEPEQ, 1995). Nessa etapa foram abordadas questões como corrosão ácida dos dentes e osteoporose. Foi levantado ainda o porquê de flores como hortências mudarem de cor de acordo com o pH do solo, e também os riscos de acidentes que podem acontecer com bases e ácidos nos domicílios.

Sendo assim, os experimentos aplicados durante os atendimentos tiveram o intuito de promover, de forma geral, uma maior compreensão de conceitos de química, biologia e bioquímica e sua relação com o cotidiano do público atendido, permitindo a socialização e integração do conhecimento, despertando o interesse científico da comunidade escolar e não-escolar.

Progredir e inovar estão constantemente no pensamento dos monitores do espaço da química, e é visível que projetos de extensão como este atraem, estimulam e



exercitam a capacidade de entendimento de cada um, e aproximem os visitantes do MUDI do conhecimento gerado no meio acadêmico.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento de projetos de extensão no ambiente da química forneceu não apenas o acesso, mas também propiciou o aprendizado ao motivar e sensibilizar estudantes do ensino fundamental, ensino médio e comunidade em geral, para temas de ciência, introduzindo informações e conceitos químicos, biológicos e bioquímicos, através de exposições e experimentos destinados a um maior envolvimento dos visitantes, com uma preocupação em fornecer essas informações de uma forma educativa e agradável.

O engajamento e comprometimento dos monitores com o projeto e o evento de extensão, e as experiências por eles vividas, contribuiu para a formação futura de profissionais diferenciados que buscam partilhar seus conhecimentos com a sociedade.

REFERÊNCIAS

DE APRENDIZAGEM, Atividades do Objeto. Guia do Professor.

GEPEQ – Grupo de Pesquisa em Educação Química. Extrato de repolho roxo como indicador universal de pH. Química Nova na Escola, n.1, p. 32-33, 1995

GOUVÊA, G. et al. Redes cotidianas de conhecimentos e museus de ciências. Parcerias Estratégicas, Educação e Meio Ambiente, Brasília, n. 11, p. 169-174, 2001.

JACOBUCCI, D.F.C. A formação continuada de professores em centros e museus de ciências no Brasil. 2006. 317f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SOBRE O MUDI, disponível em: <<http://www.mudi.uem.br/index.php/sobre-o-mudi-sp-2101375831>>

Sessão 4 – Texto 011

Elaboração do Periódico Psicologia em Estudo

Área Temática: Trabalho

Bruna de Souza¹, Willian Gabriel Tavares Costa², Thamilly Rozendo³, Edda Falzirolli Santiago⁴, Maíra dos Santos Ferreira⁵, Rafael Battalini⁶, Tâmmy Bathke⁷

¹Aluna do curso de Psicologia, bolsista PIBIS/UEM, contato: brunasouzza1994@gmail.com

²Aluno do curso de Psicologia, bolsista PIBIS/UEM, contato: costawgt@outlook.com

³Aluna do curso de Psicologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: thamillyrozendo@hotmail.com

⁴Aluna do curso de Psicologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: edda_sp@hotmail.com

⁵Aluna do curso de Psicologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: maira_santosferreira@hotmail.com

⁶Aluno do curso de Psicologia, bolsista PIBIS/UEM, contato: rafaelpsicouem@gmail.com

⁷Aluna do curso de Psicologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: tammycusba@hotmail.com

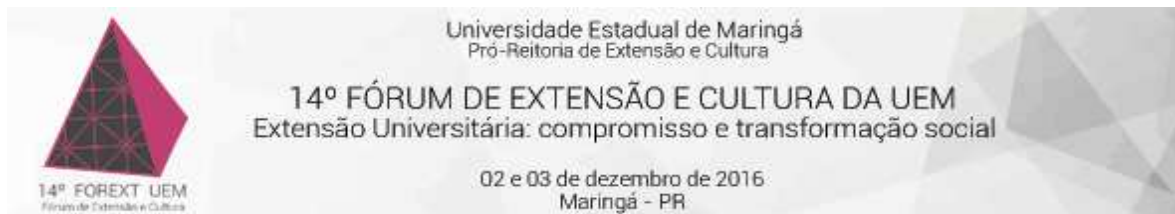
Resumo. *Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados obtidos no processo de editoração e elaboração do periódico Psicologia em Estudo (ISSN 1807-0329/online). A revista passou por mudanças e atualmente com a colaboração dos alunos bolsistas conseguiu regularizar suas publicações. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, incluindo o corte das agências de fomento, a revista conseguiu, em 2016, alcançar o qualis A1 e atualmente é considerada a melhor revista do Paraná em sua área e uma das melhores do país, tendo suas publicações nacionais e internacionais na área de psicologia e áreas afins, com ênfase em artigos qualitativos. O período de permanência dos bolsistas resultou no acompanhamento técnico de 200 artigos. A experiência de participar desse projeto possibilitou, além do acúmulo de conhecimento científico, o (re)conhecimento dos processos editoriais de uma revista científica conceituada internacionalmente.*

Palavras-chave: periódico científico – psicologia – ciência.

INTRODUÇÃO

A elaboração de um periódico científico desenvolvido como projeto de extensão é uma tarefa que integra a pesquisa ao ensino e também promove o desenvolvimento da área de conhecimento que se destina. Ao mesmo tempo em que se exige da ciência a produção de pesquisas, seu financiamento é reduzido em vários âmbitos (Federal e Estadual). Na esteira dessa contradição, os pesquisadores são avaliados pelas produções, principalmente em artigos publicados em revistas mais qualificadas, a meta de número de artigos publicados por ano como pré-requisito para financiamento estatal faz com que os periódicos, seguindo a regra do bom é quem escreve em quantidade, tenham cada vez mais seus sistemas abarrotados de artigos para serem avaliados, mesmo com a redução de repasses de verba das agências de fomento.

Inicialmente, a revista Psicologia em Estudo (ISSN 1413-7372 (impresso) e ISSN 1807-0329 (online)), era publicada semestralmente pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá desde o ano de 1996, e passou de semestral para trimestral em 2001. O periódico publica textos originais sobre temáticas na área da Psicologia e nas suas interfaces com as Ciências Humanas e as Ciências da Saúde. Do ponto de vista metodológico, a revista Psicologia em Estudo publica artigos



que se pautem na perspectiva qualitativa, ou que articulem métodos qualitativos com quantitativos.

Bomfá e Castro (2004) estimam que o conhecimento científico e tecnológico tem sido duplicado a cada 10 anos. Um periódico online, por sua vez, tem a função de diminuir o tempo de divulgação dos artigos, facilitando o trabalho dos revisores e avaliadores *ad hoc*. A revista era impressa até o ano de 2014, mas altos custos de publicação e distribuição e falta de investimentos nos obrigaram a transformá-la exclusivamente em *online*. Assim, desde 2015 iniciamos uma profunda reforma no processo de editoração, a começar pela divisão de tarefas dos editores responsáveis. Atualmente a revista é integrada por sete bolsistas, alunos (as) do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

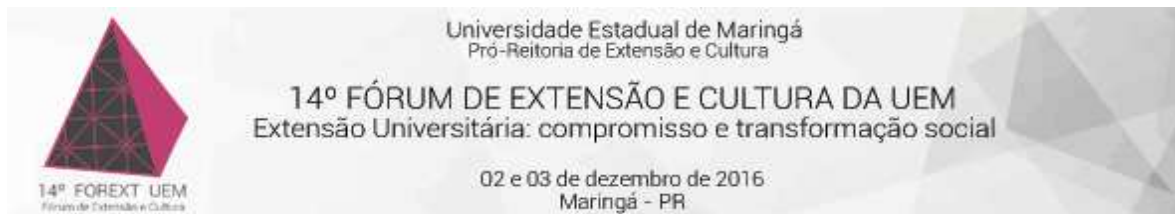
O nosso trabalho como bolsistas consistiu na realização de diversas ações de editoração do Periódico Psicologia em Estudo. A tarefa mais desenvolvida e que gerou os maiores resultados foi a primeira fase de acompanhamento técnico das submissões por meio do *checklist*. Sendo esta tarefa primordial no andamento da submissão, uma vez que, visa à adequação do manuscrito às normas da revista, evitando atrasos no andamento das demais fases de editoração. Outras tarefas desempenhadas consistiam no: acompanhamento e organização do espaço físico da revista; atendimentos ao público presencial, telefônico e por e-mails; e o acompanhamento da reserva técnica, seja arquivando os volumes necessários, seja os enviando para doação. Sem esse trabalho, dificilmente se conseguiria adequar os prazos e ficar em dia com as publicações, o que acarretaria na diminuição da avaliação do periódico no *webqualis*. Atualmente, a revista Psicologia em Estudo é avaliada como A1 e recebe artigos nacionais e internacionais, se consolidando no cenário brasileiro como um dos principais periódicos na sua área.

MÉTODOS

O processo de editoração da revista Psicologia em Estudo é composto por fases de análise. O autor submete o arquivo para a revista, preenche informações sobre seu texto e inclui dados da submissão. Após a submissão ser finalizada, gera-se um número para facilitar e identificar o arquivo submetido ao escopo da revista. A partir disso, uma cópia do arquivo submetido é enviada ao endereço de e-mail da revista (revpsi@uem.br) e é direcionado para um dos integrantes da equipe executiva que integra bolsistas e voluntários.

Após isso, por meio da ferramenta *checklist*, composta de itens que auxiliam e direcionam a análise dos artigos, a equipe executiva averigua se o artigo pode ou não seguir para próxima fase análise, ou seja, se está dentro das normas técnicas de publicação da revista. Ele é composto de itens de adequação que se referem à formatação e conteúdo dos artigos. No *checklist* há três categorias, sinalizadas com cores diferentes, contribuindo para que o trabalho realizado esteja em constante compromisso com as questões éticas e normativas da Revista.

A cor verde indica que as correções podem ser efetuadas pela equipe executiva e referem-se à formatação de margens e referências, tipo de papel, tamanho e tipo de fonte, espaçamento e disposição das palavras-chave. Já a cor amarela indica as correções que devem ser realizadas pelos autores e que são enviadas para o bolsista encarregado, ao prazo de uma semana, tendo as especificidades: adequação da carta de



encaminhamento, remoção da identidade dos autores do corpo do texto, adequação dos títulos plenos e abreviados, compatibilidade com a língua portuguesa dos resumos em outras línguas, número máximo de palavras nos resumos, palavras-chave presentes no site da BVS-Psi e adequação às normas de anexos, figuras, tabelas, gráficos, notas de rodapé. No quesito referências, alguns cuidados são importantes e encontram-se de forma descritiva no *checklist*, incluindo o recuo, uso de traços e travessão, número máximo referências e limite de citação dos próprios autores. Por fim, a cor vermelha indica os itens que implicam na recusa imediata do artigo: o conteúdo que não se situa nas ciências humanas; a pesquisa ser quantitativa; ausência da carta de aprovação do comitê de ética quando se tratar de pesquisa com seres humanos; exceder o limite de laudas; ausência de elementos essenciais do texto, como introdução, métodos, resultados, discussão e conclusão; formatação sem ser normas da APA e; escrita com problemas ou erros graves de formatação.

Após a passagem pelo *checklist*, o arquivo possui três destinos possíveis: aceitação mediante correções, rejeição ou aceitação imediata seguindo para a próxima etapa. Caso o resultado tenha sido aceitação mediante correções o autor conta com um prazo de uma semana para enviá-las. Entretanto, quando o arquivo é rejeitado, o bolsista encarregado envia um comunicado aos autores com os motivos da rejeição. Quando o artigo é aceito, por estar adequado às normas e exigências da revista, ele segue para a próxima fase de avaliação e o autor é comunicado que seu texto seguiu para a próxima fase. Nesse caso, o arquivo é direcionado à editoração eletrônica, em seguida à revisão realizada pela comissão editorial e caso seja aprovado, à publicação.

RESULTADOS

Os resultados apresentados referem-se à produção por todos os bolsistas da Revista Psicologia em Estudo, tanto na modalidade de PIBEX quanto do PIBIS, nos doze meses de duração do projeto. Nesse período, os bolsistas prestaram acompanhamento técnico de 200 artigos, de diferentes áreas da psicologia e afins. Dentre desses, havia categorias distintas, como relatos de pesquisa, estudo teórico, relato de experiência, resenha, relato de gestão e entrevista, sendo que todos passaram rigorosamente pela checagem com os itens do *checklist*. Além disso, foram efetuados cadastros, leitura e respostas aos e-mails enviados ao endereço da Revista. Nesse sentido, além das tarefas desempenhadas por cada bolsista, que consistem no acompanhamento técnico e preliminar dos artigos submetidos, houve também como resultado, o crescimento científico e enriquecimento teórico dos integrantes. Isso se justifica-se pelo contato com as mais diversas temáticas dos artigos recebidos. Dessa forma, a inserção dos bolsistas no projeto permitiu a ampliação do conhecimento uma vez que ultrapassou os conteúdos contemplados na graduação.

CONCLUSÃO

Nos últimos vinte anos, a revista passou por reformas e alterações (desde sua periodicidade, que passou de semestral para trimestral em 2001, até a passagem de impressa para impressa e online, para finalmente ser editada unicamente no formato online). Essas reformas se mostraram necessárias para atender a critérios de agências de fomento, mas também para a diminuição do custo de publicação de cada número. A



editoração de uma revista científica é um trabalho que gera impacto na sociedade e trata-se de uma forma de devolver o investimento que o estado faz na universidade. Há que se destacar que a *Psicologia em Estudo* é a única revista científica avaliada como A1 no Paraná em sua modalidade. Esse mérito cabe a toda equipe editorial e, conforme demonstramos no presente trabalho gerou quatro números publicados durante nosso período de permanência, até o final de setembro de 2016. Para além da *Psicologia*, a *Revista Psicologia em Estudo* busca divulgar as interfaces entre a ciência psicológica e outras áreas de conhecimento, enriquecendo o campo da pesquisa e ensino. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pela perda de agências de fomento, no último ano, a equipe editorial assumiu o compromisso de colocar a revista em dia com a periodicidade. E foi nesse último ano que nós estagiários(as) PIBEX e PIBIS nos integramos à equipe editorial e desempenhamos um papel central na adequação da periodicidade da revista. Somados, acompanhamentos a adequação técnica de 200 artigos, realizando desde o *checklist* até a comunicação com os autores. Esses esforços, somados aos dos demais editores, permitiram maior agilidade no processo editorial e a manutenção em tempo hábil das publicações.

REFERÊNCIAS

BOMFÁ, Claudia Regina Ziliotto Bomfá; CASTRO, João Ernesto E. Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital: o caso da *Revista Produção Online*. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, p. 39-48, mai./ago., 2004.

Sessão 4 – Texto 163

Tecnologias e Experiências Aplicáveis a Propriedade Rural **Área Temática: Tecnologia e Produção.**

Gustavo Calzavara de Moraes,

bolsista-PIBEX/UEMcontato:calzavarademoares@gmail.com

***Resumo.** O projeto Tecnologias, experiências e modelos aplicáveis à propriedade rural familiar agroecológica ou em conversão agroecológica, nos municípios de Jandaia do Sul, Kaloré e Marumbi, tem como objetivo fomentar a agricultura familiar e a produção orgânica, com um viés social e comércio justo, prestação de assistência aos produtores da nossa cooperativa de consumo agroecológico Naturingá, visando o abastecimento alimentar, contribuindo para a geração de renda, melhoria no nível de sustentabilidade das atividades agrícolas.*

***Palavras-chave:** Agricultura Familiar-Produção Orgânica-Sustentabilidade*

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar se diferencia do modelo convencional uma vez que, usa a mão-de-obra familiar, é realizada em pequenas áreas, por produtores que estão preocupados em suprir as demandas da própria família, deixando o comércio em segundo plano.

Sabemos que os recursos naturais não são renováveis, é por isso que pendemos para a opção agroecológica que tem como base os pilares da sustentabilidade seja econômica, ecológicas, social, cultural, a agroecologia pretende reestabelecer a relação de harmonia entre o homem e seu espaço natural, assim nosso trabalho pretende formar um perfil da produção da base agroecológica com produtores dos municípios de Jandaia do Sul, Kaloré e Marumbi.

Identificando sua situação, buscando estratégias produtivas para os agricultores familiares desses municípios.

Uma das dificuldades era a comercialização desses produtos orgânicos, assim surgiu a Naturingá uma cooperativa de consumo agroecológico, que visa o comércio justo, sempre em busca do melhor para o agricultor.

METODOLOGIA

O governo do estado do Paraná vem apoiando a produção orgânica desde 1982 quando no município de Agudos do Sul um grupo de pequenos agricultores iniciaram a produção de hortaliças e frutas orgânicas, hoje o estado é um dos mais produtivos em termos de produção orgânica e desenvolvimento sustentável.

Nossas medidas são a assistência técnica aos produtores por meio de visitas e palestras, já que os agricultores estão em volta de um mar de agrotóxicos, que polui solo, água e ar, além da degradação das camadas aráveis do solo, e o desmatamento gerados no modelo convencional.

Sendo assim a Agroecologia tem como base a sustentabilidade, que vai desde o cuidado com as matas até a diversificação de cultivares, gerando biodiversidade, não se faz uso de agroquímicos, sendo assim uma técnica de baixo custo, utiliza mão de obra familiar fazendo com que as novas gerações criem um vínculo com a terra com a produção saudável de alimentos.

Algumas das tecnologias aplicáveis são, barreiras vegetais evitando assim a deriva de agroquímicos, ter a atividade de apicultura associada assim terá polinização garantida as frutíferas da propriedade, o plantio de adubos verdes,

O solo tem que estar bem vivo ter alta biodiversidade, solo saudável, planta saudável, planta saudável, homem saudável, também devem ser incluso animais nesse modelo de produção para assim realizar a ciclagem de nutrientes gerando adubo para as plantas, o uso de minhocários também é utilizado, assim como o uso de adubos orgânicos. Assim a organização da pequena propriedade e a utilização dos recursos que a natureza oferece torna possível a produção orgânica e economicamente viável, sustentavelmente correta, podendo assim conquistar seu selo

RESULTADOS

Nossa cooperativa de consumo agroecológico Naturingá, surgiu da vontade dos agricultores em ter uma cooperativa aonde pudessem trocar informações e comercializar seus produtos, hoje conta com cerca de 50 produtores já certificados ou em processo de conversão agroecológica, nossos principais produtos são o leite orgânico e seus derivados como manteigas, queijos e iogurtes, o açúcar mascavo, as nossas hortaliças, frutas e legumes, além dos processados como as geléias e os sucos, sempre preocupados com a segurança alimentar proporcionando saúde aos nossos clientes e renda aos produtores. Dentre nossos produtores temos os da Copavi, Escola Milton Santos, Vale Vida, Pomar, entre outros.

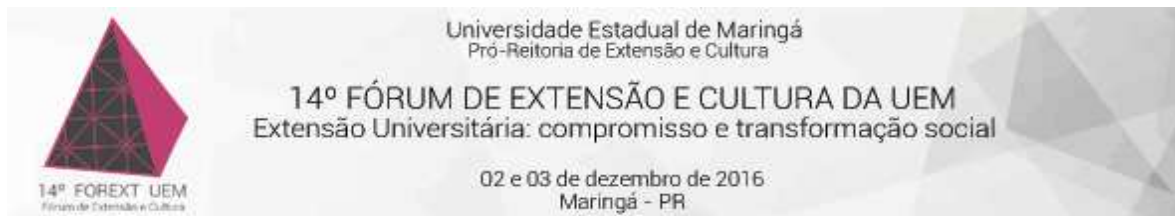
Nosso compromisso é a assistência técnica por meio de visitas, afim de melhorar o sistema de produção a luz da sustentabilidade e do comércio justo e solidário.



Entrega das cestas Orgânicas.



Produtos da COPAVI(lacteos), cogumelos shimeji produtor Roberto.



REFERÊNCIAS:

Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Século 21-Carlos Guanzioli

Agricultura Familiar na Economia-Joaquim.J.M.Guilhoto

Cadeia Produtiva de Produtos Orgânicos-Ministério da Agricultura e Abastecimento-MAPA,Secretaria da Política agrícola-SPA.

Sessão 8 – Texto 052

HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS: INTERAGINDO COM A COMUNIDADE - ETAPA 2

Área Temática: – Saúde

Tatiane Ferreira Borges¹, Kaoma Fernandes Coelho², Maria Conceição de Souza³

¹Aluna do curso de Ciências Biológicas, bolsista PIBIS/UEM, contato: taty_ferreiraborges@hotmail.com

²Aluna do curso de Ciências Biológicas, bolsista PIBIS/UEM, contato: kaomafc2010@hotmail.com

³Prof.^a Maria Conceição de Souza, contato: macondesouza@gmail.com

Resumo. Desde a antiguidade já se conheciam plantas úteis ao tratamento de doenças. Além das partes das plantas e da forma adequada de uso, também requer o reconhecimento correto das espécies. Os Herbários constituem fontes imprescindíveis para a identificação taxonômica das espécies. Considerando-se essa relação de uso e as coleções herborizadas, teve-se por objetivo apresentar uma lista das espécies citadas na literatura, como medicinal e que possuem acervo no Herbário HUEM. Além da lista, também são apresentados dados de conferência e atualizações taxonômicas, consultadas a partir de bases de dados eletrônicas e do acervo do HUEM, e informações sobre as espécies a partir de dados das fichas dos materiais. Foram consultados 1013 espécimes de 419 espécies, das quais, 169 foram encontradas no HUEM. Somando-se esses aos dados da primeira etapa (2014-2015), pode-se verificar o montante de 769 espécies, das quais, 274 (35,63%) foram encontradas no HUEM.

Palavras-chave: uso medicinal, HUEM, taxonomia.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) uma planta medicinal é “todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos.” (VEIGA JÚNIOR *et al.* 2005). Na antiguidade, a indicação de plantas para uso como medicinal era feita por herbalistas, que organizavam suas amostras em coleções e constituíram assim as coleções denominadas Herbários. Do latim, *herbarium*, a palavra é usada para designar uma coleção de plantas ou de fungos, ou de partes destes, que são cientificamente preparados para o acervo (GADELHA NETO *et al.* 2013).

Um Herbário é importante, pois reúne amostras de plantas secas e documenta informações botânicas sobre elas, que podem ser utilizadas por vários ramos da biologia. Criado no início da década de 1980, o Herbário da Universidade Estadual de Maringá – HUEM abrange aproximadamente, 30.000 espécimes, incluindo plantas, algas e fungos, sendo que desses, 22.019 encontram-se informatizados (SOUZA *et al.* 2015) e podem ser acessados no endereço eletrônico do Species Link (SPLINK 2016).

OBJETIVOS



Dar continuidade ao levantamento das espécies de uso medicinal para fins científicos (pesquisas); revisar a validade e a escrita correta dos nomes científicos e contribuir com a organização do acervo do HUEM.

MATERIAIS E MÉTODOS

Uma relação de espécies para pesquisas foi obtida por consulta à base de dados do *site* Plantamed (2016) e, para cada foi realizada conferência da validade do nome científico e a forma correta de sua escrita à base do Re flora (2016), MOBOT (2016), IPNI (2016) e The Plant List (2013). Essa lista foi confrontada com a coleção do Herbário da Universidade Estadual de Maringá (HUEM) e dos materiais encontrados foram extraídos dados como: família, determinador, nome popular, data e local de coleta, presença ou ausência de duplicatas, de flores e frutos. Em seguida foi elaborada uma planilha de dados das espécies por ordem alfabética com nome científico; determinador; família e sinônimos relevantes; nome popular; número do HUEM; local de coleta; presença de folhas, botões florais, flores e frutos, existência de duplicatas.

Nº	Nome Científico	Família	Determinador	Local de coleta	Data de coleta	Estado de coleta
1	Melastomaceae	Melastomaceae	Melastomaceae	Melastomaceae		
2	Urticaceae	Urticaceae	Urticaceae	Urticaceae		
3	Albizziaceae	Albizziaceae	Albizziaceae	Albizziaceae		
4	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
5	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
6	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
7	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
8	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
9	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
10	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
11	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
12	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
13	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
14	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
15	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
16	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
17	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
18	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
19	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
20	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
21	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
22	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
23	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
24	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
25	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
26	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
27	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
28	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
29	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		
30	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae	Malvaceae		

Figura 1. Imagem da planilha de dados referentes às plantas medicinais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram trabalhadas 1042 plantas, que corresponderam a 420 espécies, desde a letra M (*Magnolia officinalis* Rehder & E.H.Wilson) até a letra Z (*Ziziphus jujuba* Mill.), encontradas na base de dados Plantamed. Essas espécies foram reunidas em 95 famílias. Dessas espécies, 157 (37%) foram encontradas no acervo do HUEM (Tabela 1), sendo que muitas delas apresentavam múltiplas coletas e os dados foram obtidos de cada um deles. Somando-se esses dados aos apresentados por Coelho (2015), verifica-se que o presente estudo atingiu 2600 plantas, distribuídas em 772 espécies, dentre as quais, 268 (35%) foram encontradas no acervo do HUEM.



Tabela 1- Lista de espécies, iniciadas desde a letra M até a Z, de plantas citadas como de uso medicinal e acervadas no Herbário da Universidade Estadual de Maringá – HUEM. Segunda etapa.

NOME CIENTIFICO	NR	NOME CIENTIFICO	NR	NOME CIENTIFICO	NR
<i>Malpighia alabra</i> L.	1	<i>Pimpinella anisum</i> L.	1	<i>Tagetes minuta</i> L.	1
<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	1	<i>Piper aduncum</i> L.	11	<i>Tagetes patula</i> L.	1
<i>Mammea americana</i> L.	1	<i>Piper nigrum</i> L.	1	<i>Talinum paniculatum</i>	7
<i>Mangifera indica</i> L.	6	<i>Piper umbellatum</i> L.	1	<i>Tamarindus indica</i> L.	3
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	8	<i>Plantago lanceolata</i> L.	4	<i>Tanacetum parthenium</i>	2
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. Ex	11	<i>Plantago major</i> L.	6	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	4
<i>Melaleuca alternifolia</i> Cheel	1	<i>Plantago tomentosa</i> Lam.	7	<i>Taraxacum officinale</i>	4
<i>Melampodium divaricatum</i> (Rich.)	1	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.)	3	<i>Terminalia catappa</i> L.	2
<i>Melia azedarach</i> L.	11	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	3	<i>Tetradenia riparia</i>	1
<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	2	<i>Plectranthus grandis</i> (Cramer) R. H.	1	<i>Thevetia peruviana</i>	6
<i>Melissa officinalis</i> L.	1	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.)	2	<i>Thunbergia alata</i> Bojer	5
<i>Melothria pendula</i> L.	1	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	1	<i>Thymus vulgaris</i> L.	3
<i>Mentha arvensis</i> L.	1	<i>Polygala paniculata</i> L.	2	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	1
<i>Mentha piperita</i> L.	8	<i>Polygonum punctatum</i>	11	<i>Trema micrantha</i> (L.)	27
<i>Mentha polegium</i> L.	9	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	10	<i>Trifolium repens</i> L.	5
<i>Mentha vilosa</i> L.	2	<i>Portulaca oleracea</i> L.	1	<i>Triumfetta semitriloba</i>	2
<i>Microgramma vacciniifolia</i>	4	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.)	7	<i>Tropaeolum majus</i> L.	8
<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	12	<i>Prunus domestica</i> L.	3	<i>Turnera diffusa</i> Willd.	1
<i>Mikania glomerata</i> Spreng	12	<i>Prunus laurocerasus</i> L.	1	<i>Tynanthus cognatus</i>	4
<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	2	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	3	<i>Urena lobata</i> L.	3
<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.)	6	<i>Psidium guineense</i> Sw.	2	<i>Urera baccifera</i> (L.)	4
<i>Mimosa pudica</i> L.	3	<i>Psidium guajava</i> L.	15	<i>Urera caracasana</i>	1
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	7	<i>Pterocaulon virgatum</i> (L.) DC.	1	<i>Urtica dioica</i> L.	2
<i>Momordica charantia</i> L.	24	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	2	<i>Virola bicuhyba</i> (Schott)	1
<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	2	<i>Punica granatum</i> L.	6	<i>Vismia guianensis</i>	2
<i>Morinda citrifolia</i> L.	2	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawler) Miers	15	<i>Waltheria indica</i> L.	1
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	5	<i>Raphanus sativus</i> L.	1	<i>Zea mays</i> L.	2
<i>Morus alba</i> L.	1	<i>Ricinus communis</i> L.	7	<i>Zingiber officinale</i>	3
<i>Morus nigra</i> L.	5	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	12		
<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	4	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	2		
<i>Mussaenda erythrophylla</i>	1	<i>Ruta graveolens</i> L.	11		
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.	6	<i>Salvia officinalis</i> L.	6		
<i>Myrcarpus frondosus</i> Allemão	3	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	5		
<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	1	<i>Sambucus nigra</i> L.	5		
<i>Nepeta cataria</i> L.	1	<i>Sapindus saponaria</i> L.	13		
<i>Nerium oleander</i> L.	5	<i>Schinus molle</i> L.	1		
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	4	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	20		
<i>Ocimum basilicum</i> L.	22	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex	5		
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	10	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	2		
<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link	8	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	18		
<i>Operculina macrocarpa</i> (Linn)	1	<i>Sesamum indicum</i> L.	1		
<i>Origanum majorana</i> L.	3	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	2		
<i>Origanum vulgare</i> L.	7	<i>Sida rhombifolia</i> L.	12		
<i>Oryza sativa</i> L.	1	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC.	1		
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K.	1	<i>Smalanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H.	1		
<i>Passiflora alata</i> Curtis.	6	<i>Solanum americanum</i> Mill.	16		
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	5	<i>Solanum asperolanatum</i> Ruiz & Pav.	4		
<i>Paullinia cupana</i> Kunth.	2	<i>Solanum capsicoides</i> All.	1		
<i>Peltastes peltatus</i> (Vell.)	2	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	3		
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	1	<i>Solanum paniculatum</i> L.	16		
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	14	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	11		
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	2	<i>Solanum variabile</i> Mart.	1		
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.)	2	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	1		
<i>Persea americana</i> Mill.	1	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	1		
<i>Petiveria alliacea</i> L.	8	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	8		
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	3	<i>Spilanthes acmella</i> (L.) Murray	8		
<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.)	7	<i>Spondias purpurea</i> L.	1		
<i>Pfaffia iresinoides</i> (Kunth.)	6	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.)	4		
<i>Pfaffia paniculata</i> (Mart) O.	4	<i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	4		
<i>Philodendron imbe</i> Schott.	4	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. Ex	2		
<i>Philodendron martianum</i> Engl.	1	<i>Struthanthus polyrrhizus</i> (Mart.) Mart	1		
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	4	<i>Stryphnodendron rotundifolium</i> Mart.	3		
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	3	<i>Symphytum officinale</i> L.	5		
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	15	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	8		

CONCLUSÃO

Os dados apresentados demonstram a importância de um herbário e do conhecimento a respeito das plantas que o compõe. Essas informações facilitam o trabalho interno e o atendimento à comunidade. No entanto, verifica-se, também, a necessidade de ampliação da coleção de plantas com uso como medicinal, por meio de coletas ou de doações de outros herbários.

REFERÊNCIAS

COELHO, K.F.; SOUZA, M.C. **Horto de plantas medicinais: interagindo com a comunidade.** Relatório final do projeto de extensão do Programa de Ações Afirmativas e Inclusão Social da Fundação Araucária – UEM. Maringá. 2015.

GADELHA NETO, P.C.; LIMA, J.R.; BARBOSA, M.R.V.; BARBOSA, M.A.; MENEZES, M.; PÔRTO, K.C.; WARTCHOW, F.; GIBERTONI, T.B. **Manual de procedimentos para herbários.** In PEIXOTO, A.L.; COSTA MAIA, L. (org.). INCT – Herbário Virtual da Flora e dos Fungos. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 95 p. 2013.

IPNI. **International Plant Name Index.** Disponível em <<http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage.do>>. 2016.

MOBOT. **Missouri Botanical Garden.** Disponível em <<http://www.missouribotanicalgarden.org/plant-science/plant-science/about-plant-science.aspx>>. 2016.

PLANTAMED. **Plantas e ervas medicinais.** Disponível em <www.plantamed.com.br/>. 2016.

REFLORA. **Flora do Brasil 2020 em construção.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. 2016

SPLINK. **Herbário da Universidade Estadual de Maringá.** Disponível na rede *speciesLink* <<http://www.splink.org.br>>. 2016

THE PLANT LIST. **The Plant List.** Version 1.1. Published on the Internet; <<http://www.theplantlist.org/>>. 2013.

Sessão 8 – Texto 082

Estrutura de Ensino e Aprendizagem do Futebol como Atividade Extensionista (CERFUT/DEF/UEM)

Área Temática: Saúde

Luan A. C. Silveira¹, Vanessa M. Menegassi², Paulo H. Borges³, Leandro Rechenchosky⁴, Wilson Rinaldi⁵

¹Aluno de Graduação em Educação Física, bolsista PIBEX/UEM, contato: luan-antonio.silveira@hotmail.com

²Aluna de Mestrado em Educação Física (PEF-UEM/UEL), contato: vah.menegassi@hotmail.com

³Mestre em Educação Física, contato: pauloborges.uem@gmail.com

⁴Prof. Dr. Depto do curso de Educação Física, contato: rechenchosky@yahoo.com.br

⁵Prof. Dr. Depto do curso de Educação Física, contato: wilsonrinaldi@hotmail.com

Resumo. *Este resumo teve como objetivo descrever as atividades de ensino e aprendizagem do projeto de extensão intitulado “Centro Regional de Formação em Futebol” visando ressaltar as principais características estruturais referentes à população atendida, acadêmicos e profissionais envolvidos, organização e planejamento das intervenções e conquistas alcançadas desde seu surgimento até a atualidade. A grande importância dada aos projetos de extensão é advinda não somente da sua utilidade como ferramenta de transformação social, educacional e/ou esportiva dos indivíduos que participam, mas também por este favorecer a aquisição de experiências autênticas pelos profissionais em formação.*

Palavras-chave: *futebol – formação – extensão*

1. INTRODUÇÃO

Os projetos sociais que envolvem o desporto promovem à inserção da prática esportiva no cotidiano de crianças e adolescentes. Acredita-se que inúmeros benefícios podem ser adquiridos pelos participantes desse tipo de projeto, tais como o desenvolvimento de indicadores de saúde, a aprendizagem de conteúdos táticos e técnicos, a inserção em um contexto social e habilidades psicológicas para superar os desafios. Os objetivos destes projetos vão muitas vezes, além da prática esportiva em si, alcançando a esfera do desenvolvimento amplo do ser humano através do esporte. Logo, a educação forma um cidadão, um ser social, com capacidade de pensar e transformar o meio em que vive para um benefício comum da sociedade (CUNHA, 2007).

No processo de formação do indivíduo inserido no projeto, é extremamente importante a intervenção do profissional, no entanto, para intervir de forma pedagógica, o professor necessita acompanhar de perto o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, entender seu nível de assimilação, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida. Ainda assim, é extremamente necessário que o professor tenha domínio de sua metodologia para conseguir mediar e intervir com qualidade no processo de aprendizagem do aluno, garantindo que sua concepção, usada no decorrer do projeto, seja compreendida, sistematizada, aperfeiçoada e modificada pelo aluno (PRADO, 2003).

Existe uma necessidade de se produzir conhecimento científico através dos projetos de extensão, por conta de seu caráter de aplicabilidade de fundamentos teóricos, produzindo experiências inestimáveis aos estudantes participantes. De acordo com o Plano Nacional de Extensão (1999) “a criação e recriação de conhecimentos possibilitadores de transformações sociais, onde a questão central será identificar o que deve ser pesquisado e para quais fins e interesses se buscam novos conhecimentos”, demonstra a importância de se adquirir conhecimento através da prática pedagógica e de desenvolver pesquisas com intuito de acrescentar instrução à comunidade acadêmica, além de propiciar rudimentos no campo universal da sociedade.

2. PROJETO DE EXTENSÃO

O Centro Regional de Formação em Futebol (CERFUT/DEF/UEM) é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá proposto em 2010 pelo Departamento de Educação Física. As atividades são direcionadas ao público de crianças e adolescentes residentes em Maringá e região. O projeto se fundamenta nos seguintes objetivos: I) proporcionar o ensino da modalidade futebol para as categorias de iniciação, aperfeiçoamento e especialização; II) incentivar a prática esportiva saudável e regular; III) despertar o interesse das crianças e adolescentes pela prática esportiva coletiva, estimulando assim a convivência em grupo; IV) desenvolver a percepção crítica de sociedade; e V) possibilitar situações para continuidade no meio esportivo (MENEGASSI; BORGES; RINALDI, 2016).

As intervenções são estruturadas em cinco categorias, sendo elas: escolinha de iniciação (crianças de 6 a 11 anos); categoria sub 11; categoria sub 13; categoria sub 15; e categoria sub 17. Os treinamentos são ministrados com frequência de 2 a 3 vezes por semana no campo de futebol do Departamento de Educação Física da UEM com turmas no período da manhã, tarde e noite. Todas as categorias participam de competições a nível regional, festivais e amistosos. As atividades do projeto são executadas por uma equipe formada por professores e acadêmicos de graduação do curso de Educação Física (JAIME, 2015). Já atuaram desde o início do projeto dezenas de estagiários, cerca de dezesseis acadêmicos, cinco professores, um mestre e dois doutores. Estima-se também que o até o ano de 2015 o projeto tenha proporcionado atendimento aproximadamente 800 crianças e adolescentes. Atualmente, o público sendo atendido é de cerca de 140 garotos, conforme tabela apresentada a seguir:

Tabela 1. Caracterização de futebolistas participantes do projeto (2016)

Categoria	Número	Idade (anos)	Tempo no Projeto (meses)
Sub-11	46	10.1	11.4
Sub-13	29	12.3	16.2
Sub-15	39	14.3	17.0
Sub-17	28	16.4	11.7
Total	142	12.9	13.9

Valores apresentados em média.

Dentre as principais conquistas das equipes participantes no projeto estão o vice-campeonato na Liga Desportiva de Maringá no ano de 2011, vice-campeonato na 1º Copa Altônia do Mercosul em 2012, primeiro lugar na categoria sub 17 e vice-campeonato pela categoria sub 13 na 2º Copa Talentos do Futuro (2015), terceiro lugar no Campeonato Maringaense Infanto-Juvenil pela categoria sub 14 (2015), participação no Campeonato Paranaense de Futebol categoria sub 17 em parceria com a equipe do Grêmio Maringá também em 2015, vice-campeonato da categoria sub 15 na Copa TAS (2016) e vice-campeonato da categoria sub 14 no Campeonato Maringaense Infanto-Juvenil (2016) além do primeiro lugar da categoria sub 16 no Campeonato Maringaense Infanto-Juvenil (2016), participação da Copa Auto Sorocabana com as categorias sub 14, sub 15 e sub 17 realizada em Presidente Venceslau/SP em 2016, como também da participação em diversos campeonatos realizados na cidade de Maringá ao longo dos 6 anos de existência (MENEGASSI; BORGES; RINALDI, 2016).

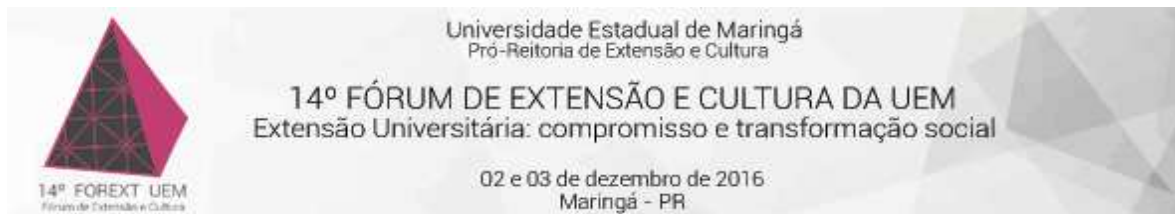


Figura 1. Categoria sub-17 (2016)

Além disso, o projeto possui parceria com clubes renomados de futebol do estado do Paraná e São Paulo, realizou processos de seleção de talentos na própria universidade, administrados por profissionais convidados atuantes na área. A partir destas e outras ações, o projeto viabilizou o encaminhamento de jovens jogadores para continuidade nos processos seletivos na sede dos clubes nas cidades de Londrina, Curitiba (Paraná) e Mirassol (São Paulo).



Figura 2. Categoria sub-15 (2016)



CONCLUSÃO

Podemos compreender neste estudo os valores que norteiam um projeto social, contudo, verificamos a importância que a Atividade Extensionista do Futebol tem tido para os alunos que frequentam as atividades sistemáticas proporcionadas pelos acadêmicos, professores, mestres e doutores envolvidos. Além disso, a busca constante de conhecimento que os professores comprometidos com o projeto têm, vem trazendo um acréscimo satisfatório e notório para a comunidade científica e, sobretudo as famílias enredadas no projeto como um todo. Constatamos ainda assim, frutos do desenvolvimento destes atletas que frequentam as práticas constantemente, através de uma organização bem estabelecida de todas as categorias atendidas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Plano Nacional de Extensão. Brasil, *Ministério da Educação*, s. Ed, 1999.
- CUNHA, B. A inclusão da criança em projetos sociais de educação pelo esporte. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) Centro de Desportos, da Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- JAIME, M.; et al. A importância do futebol em atividades extensionistas: um relato de experiência do CERFUT/DEF/UEM. *Revista Conexões*, v. 13, n. 4, p. 155-164, 2015.
- PRADO, M. Pedagogia de Projetos. Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias”. Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003.
- MENEGASSI, V.; BORGES, P.; RINALDI, W. Centro Regional de Formação em Futebol: interação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. In: I Fórum de Integração entre Ensino Pesquisa e Extensão, 2016, Maringá.

Sessão 8 – Texto 058

EXTRAÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAS DE ALECRIM POR HIDRODESTILAÇÃO

Área Temática: Educação

Simone Fiori¹, Danilo Nalin², Jaqueline Aparecida da Silva Toloto², Eneri Vieira de Souza Leite Mello³, Juliana Vanessa Colombo Martins Perles³.

¹Prof.^a Dra. Departamento de Ciências – DCI/UEM, contato:sfiori@uem.br

²Aluno do curso de Engenharia de Produção, bolsista PIBEX –UEM, contato: danilo.nalin@hotmail.com

²Aluna do curso de Engenharia de Produção, bolsista PIBIS/FA –UEM, contato:
jaquelinetoloto@hotmail.com

³Prof.^a Dra. Departamento de Ciências Morfofisiológicas, DCM/UEM, contato:enerileite@gmail.com

³Prof.^a Dra. Departamento de Ciências Morfofisiológicas, DCM/UEM, contato:jjvcm77@gmail.com

Resumo. *Rosmarinus officinalis L*, popularmente conhecido como alecrim também chamado de planta da vida, devido seus diversos benefícios medicinais, utilizado grandemente nas indústrias de cosméticos e na área alimentícia. Dentre os sistemas de extração testados para extração do óleo essencial de alecrim, a hidrodestilação com aparelho Clevenger foi o que apresentou os melhores resultados. O presente trabalho evidencia parte das atividades e resultados referentes à projetos desenvolvidos no ambiente da química e biologia do MUDI, que tem como principal objetivo socializar e integrar os conhecimentos químicos e biológicos ao cotidiano de alunos do ensino fundamental e médio, professores e comunidade em geral, os quais são público alvo deste ambiente.

Palavras Chaves: alecrim; óleos essenciais; sistema Clevenger.

INTRODUÇÃO

Os museus de divulgação científica e tecnológica têm sido apontados por diversos autores como locais de ganho de conhecimentos científicos e culturais, atualização de conceitos e complementação da educação formal. Na UEM, vários projetos voltados à comunidade leiga, aos professores e alunos do Ensino Básico são desenvolvidos no Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI). O MUDI tem por objetivo promover a interação entre o saber popular e o saber científico, fortalecendo o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, cultura e extensão, voltadas a interdisciplinaridade.

Dentre as atividades desenvolvida no MUDI, temos um projeto relacionado à extração de óleos essenciais. A espécie *Rosmarinus officinalis L.*, conhecida popularmente como alecrim, é originária da Região Mediterrânea e cultivada em quase todos os países de clima temperado de Portugal à Austrália. A planta possui porte subarborescente lenhoso, ereto e pouco ramificado de até 1,5 m de altura. As folhas são lineares, coriáceas e muito aromáticas, medindo 1,5 a 4 cm de comprimento por 1 a 3 mm de espessura, flores azulado-claras, pequenas e de aromas forte e muito agradável (LORENZI, H.; MATOS, F., 2006).

Segundo MARCHIORI (2004), essa espécie tem sido pesquisada principalmente pelo seu potencial terapêutico que ao longo dos anos foi se desenvolvendo devido ao seu intenso uso popular.

Óleo essencial é uma designação que se aplica a óleos etéreos ou voláteis constituídos de misturas complexas presentes em diversas partes dos vegetais. Os óleos essenciais são sintetizados, armazenados e liberados por meio de estruturas do mesófilo ou da epiderme (Souza Júnior et al., 2009). Estes óleos essenciais são obtidos em sua maioria por processos de destilação a vapor ou por hidrodestilação. No caso das produções em pequena escala, emprega-se o aparelho de Clevenger, por ser mais econômico e proporcionar alta qualidade de extração.

MATERIAIS E MÉTODOS

Após a coleta do alecrim o mesmo foi deixado para secar. Para realização da extração do óleo essencial, utilizou-se o sistema Clevenger acoplado a um balão de destilação de 6 litros, como podemos observar na Figura 1. Primeiramente, com auxílio de uma balança analítica, pesou-se o alecrim seco, colocando-o em seguida, no balão de destilação com certa água destilada até cobrir totalmente a amostra. Com objetivo de não permitir que o calor se dissipasse para o ambiente, envolveu-se o balão de destilação com papel alumínio e aquecimento com o uso de uma chapa de aquecimento.



Figura 1. Sistema Clevenger utilizado para a extração do óleo essencial.

No início, o método utilizado era desenvolvido com as folhas de alecrim secas e inteiras. Depois, com intuito de diminuir o tempo de extração, optou-se por triturá-lo, com o auxílio de um liquidificador, antes de colocar a amostra no balão de destilação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com aplicação do método citado acima, obteve-se os seguintes resultados listados na Tabela 1.

Tabela 1. Resultados obtidos com o uso do sistema Clevenger.

Alecrim (g)	Folhas	Água (mL)	Tempo (min)	Óleo (mL)
50	Folhas inteiras	1500	110	0,3
100	Folhas inteiras	1800	115	0,5
150	Folhas inteiras	2000	120	0,7
200	Folhas moídas	3200	140	2,0
250	Folhas moídas	3400	150	2,3
300	Folhas moídas	4500	240	5,5
350	Folhas moídas	4800	270	6,0

No início, o método utilizado era desenvolvido com as folhas de alecrim secas e inteiras, o que dificultava colocá-las no recipiente devido a entrada do balão ser um orifício estreito. Depois de efetuado o processo, existia também a dificuldade na limpeza do balão de destilação. Com intuito de minimizar o tempo de trabalho e melhorar o processo de extração, optou-se por triturar as folhas de alecrim, com o auxílio de um liquidificador, antes de colocá-lo no balão de destilação.

Observou-se que após triturar o alecrim foram obtidos resultados melhores na extração do óleo essencial. Além da redução do tempo de manuseio, conseguiu-se colocar maiores quantidades (em gramas) de alecrim no balão e, devido a moagem das folhas, houve uma melhora na quantidade de óleo extraídos da planta, o que ocasionou numa elevação significativa nas quantidades de óleo a ser extraído.

Paralelamente, ocorreu o atendimento aos visitantes no laboratório de química, sendo que foram atendidos cerca de 1100 alunos de Escolas Municipais e Estaduais de Goioerê e região, durante a mostra de profissões da UEM de 2016, no Campus Regional de Goioerê. Mostrando a comunidade presente, os trabalhos que são desenvolvidos e os projetos de extensão. Foram apresentados o sistema de extração por destilação arraste a vapor, extraíndo óleo essencial de eucalipto; a extração por solvente com aparelho de Soxhlet, extraíndo óleo essencial de girassol, e a hidrodestilação com aparelho Clevenger, extraíndo óleo essencial de alecrim, dentre outros experimentos (Figura 2).





Figura 2. Atendimento aos alunos durante a mostra de profissões da UEM 2016 em Goioerê.

CONCLUSÃO

Verificou-se que a hidrodestilação, foi o método mais eficiente para extração do óleo essencial do alecrim. Dependendo do material a ser utilizado pequenos ajustes, como triturar a amostra, podem ajudar a melhorar a eficácia do processo. Observou-se, também, que os atendimentos aos diversos alunos e comunidade em geral são grandes agregadores de conhecimento, pois contribuem com o processo de ensino e aprendizagem aliando conceitos teóricos com atividades práticas, bem como buscando relacionar conceitos da química com o cotidiano.

REFERÊNCIAS

MARCHIORI VF. 2004. Monografia de Rosmarinus officinalis. Fundação Herbarium – Associação Argentina de Fitomedicina. p. 6-10.

LORENZI, H.; MATOS, F.J. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2006. 512 p.

SOUZA JÚNIOR, I.T.; SALES, N.L.P.; MARTINS, E.R. Efeito fungitóxico de óleos essenciais sobre Colletotrichum gloeosporioides, isolado do maracujazeiro amarelo. Revista Biotemas. 2009, vol. 22, n.3, p. 77-83. ISSN 0103 –1643.

Sessão 8 – Texto 075

DE MUSEU PARA MUSEU: INTERCÂMBIO, DIVULGAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

Área Temática: Educação

Tuane Marcela Correia¹; Marcílio Hubner de Miranda Neto², Débora de Mello Gonçalves Sant’Ana³

¹Acadêmica do Curso de Secretariado Executivo. Bolsista de PIBIS/FA, contato:tu_a_nemarcela@hotmail.com.

²Professor do DCM e PGB, contato: hubnermar@uem.br

³Professora do DCM, PGB e PBF. Contato: dmgsantana@gmail.com.

Resumo. *Este artigo descreve ações realizadas em projeto de extensão vinculado ao Programa Museu Dinâmico Interdisciplinar (PROMUD) no último ano. São listadas as principais parcerias realizadas bem como as visitas e ações promovidas a partir do projeto.*

Palavras-chave: *museu de ciências – popularização do conhecimento científico.*

1. INTRODUÇÃO

O MUDI (Museu Dinâmico Interdisciplinar) é o museu de Ciências da Universidade Estadual de Maringá (UEM) que teve seu início há mais de 30 anos na forma de um Projeto de Extensão conhecido como Centro Interdisciplinar de Ciências (CIC). Neste percurso, desenvolveu projetos multi e interdisciplinares e ofereceu a comunidade em geral atividades educativas e culturais de qualidade. Desde 2005 o MUDI conta com sede própria e além das ações externas se destaca pelas atividades de educação científica realizadas no ambiente do próprio museu. Como espaço de educação não formal contribui para a melhoria da formação científica dos jovens e crianças. Acreditamos que:

“A educação em ciências nos dias de hoje não pode mais se ater ao contexto estritamente escolar. Esta afirmação, cada vez mais presente entre educadores em ciências, enfatiza o papel de espaços de educação não formal, como museus de ciência e tecnologia, para a alfabetização científica dos indivíduos” (CAZELI, 1999, p.1).

Além de suas ações tradicionais, os integrantes do MUDI desenvolvem desde 2011 o projeto de extensão intitulado “De Museu para Museu”. Este projeto objetiva promover e divulgar ações de intercâmbio realizadas entre o MUDI – UEM e outros espaços de educação não formal como museus e centros de ciências, zoológicos, reservas, parques, museus de história e arte, monumentos históricos, entre outros. Por meio destas ações pretende-se estimular a visitação do público em geral nos diferentes espaços de divulgação científica e educação não formal assim como organizar redes de contato e parcerias entre as instituições.

Chagas (1993) apud Ovigli, Freitas e Caluzi (2010) afirma que os futuros docentes devem durante sua formação ter a oportunidade de conhecer os processos educativos realizados em museus e desenvolver habilidades para melhor explorar seus



recursos. Assim, seja em formações iniciais ou na continuada os professores poderão contribuir com a formação científica de seus alunos.

Outra das metas do MUDI é formar novos divulgadores da ciência já que, como afirma Rossi (2013) muitos dos cientistas atuais tem dificuldade de transpor suas ideias para atingir a comunidade em geral. Portanto, além da formação do ensino de graduação a Universidade deve:

“...empreender estratégias práticas e efetivas para desenvolver a competência de comunicar a ciência de forma plena e acessível, buscando tornar público o que vem sendo estudado pelos cientistas, com destaque para a inserção dos pesquisadores brasileiros em nossa realidade nacional, por motivos diversos que vão desde a valorização da cidadania até o compromisso pelo financiamento das pesquisas com verbas públicas”. (ROSSI, 2013).

O desenvolvimento deste projeto busca integrar o conhecimento científico abordado no ensino de graduação e pós-graduação às ações práticas de divulgação científica em diferentes espaços e territórios, fortalecendo as ações integrativas universitárias.

2. METODOLOGIA

Os grupos de visitantes envolvem membros da comunidade e, especialmente professores da rede Pública de Educação Básica. Anualmente o projeto organiza 3 – 4 turmas de 40 pessoas para os Museus e Espaços de Educação Não-formal do Rio de Janeiro, e, desde sua criação participaram cerca de mil pessoas. Os espaços visitados incluem: Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Jardim Botânico, Parque Zoobotânico, Arcos da Lapa, Quinta da Boa Vista, Museu Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Fundação Oswaldo Cruz, Museu da Vida, Planetário, Museu do Universo, Museu Imperial, Igrejas Históricas, Centro Cultural da Justiça e Biblioteca Nacional. Durante a fase de preparação da viagem os participantes assistem palestras e vídeos e preparam seminários sobre os diferentes locais enfatizando seus aspectos históricos, culturais e artísticos. As visitas aos locais são guiadas por pesquisadores especializados no tema e que se preocupam com a contextualização das abordagens.

A figura 1 abaixo apresenta de forma esquemática a metodologia empregada para a realização deste projeto. Os debates são participativos e muitas vezes precedidos de filmes e documentários que são apresentados durante a viagem no ônibus.

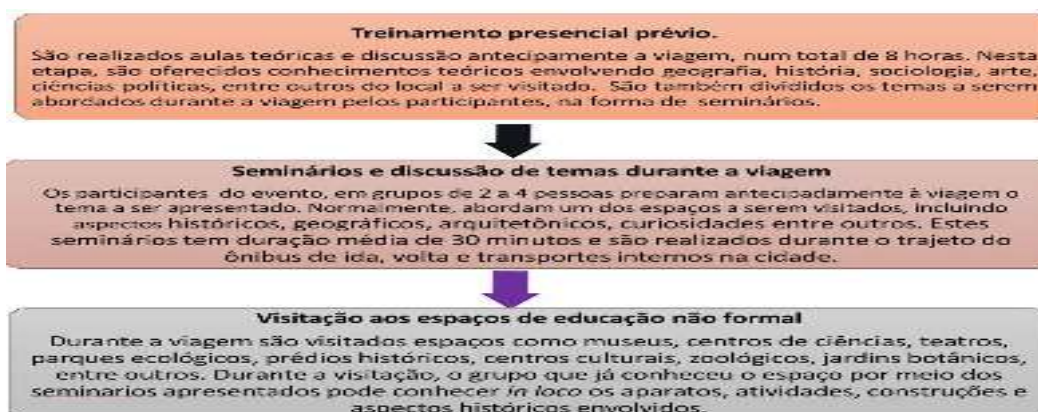


Figura 1. Estrutura esquemática da metodologia empregada no projeto de extensão “De Museu para Museu”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

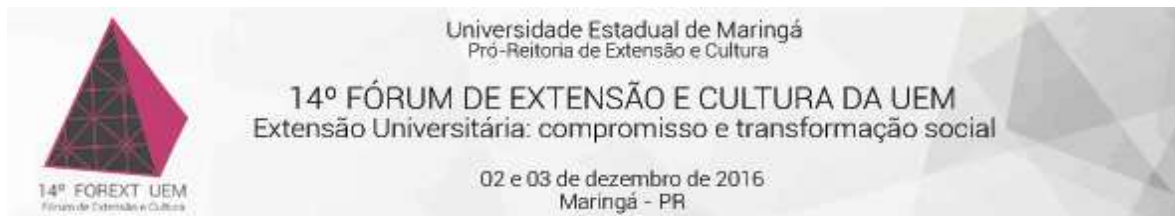
Nos anos de 2015 e 2016 foram promovidas jornadas interdisciplinares para diferentes locais (Figura 2). Destacam-se os listados na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Locais, turmas e participantes envolvidos de forma direta com o projeto “De Museu para Museu” nos anos de 2015 e 2016.

Local	Número de participantes da comunidade
Rio de Janeiro – 2 turmas	80 pessoas
Rio Grande do Sul – 1 turma	45 pessoas
Patagônia Austral – 1 turma	15 pessoas
Europa – Holanda e Alemanha – 1 turma	20 pessoas
Total: 5 turmas	160 pessoas



Figura 2 – Fotografias representativas de grupos de visitantes a diferentes espaços de educação não formal visitados nos anos de 2015 e 2016.



4. CONCLUSÕES

Percebe-se que apesar do MUDI ser um museu de Ciências localizado no interior do Paraná, a realização deste projeto contribui de forma prática para que os participantes ampliem seus conhecimentos não só sobre ciência e tecnologia, mas também da sociedade e sua organização como um todo. A grande aceitação e aprovação por parte dos participantes é uma demonstração de que o projeto oportuniza também um maior desenvolvimento cultural e humano.

REFERÊNCIAS

- CAZELI, S. et al. **Tendências Pedagógicas das Exposições de um Museu de Ciência.** In: II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 1999, Valinhos – SP.
- OVIGLI, D.F.B.; FREITAS, D.; CALUZI, J.J. Quando os museus de ciências tornam-se espaços de formação docente. pp. 95-114. In: PRIOLA, N.A. Ensino de Ciências e Matemática, IV: temas de investigação (on line). São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- ROSSI, A.V. Museu de Ciências Universitário: sobre espaços de divulgação, educação e produção científica. *Ensino em Re-vista*, v.2-, n.1, p. 209-218, jan/julho, 2013.

Sessão 8 – Texto 144

A RELEVÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Área Temática: Trabalho

Ane Franciele Frutuoso da Silva¹, Maria Celeste Melo da Cruz²

¹Aluna do curso de Serviço Social, bolsista DCS/UEM, contato anefrancieleivp2014@hotmail.com

²Professora do curso de Serviço Social - Depto de Ciências Sociais – DCS/UEM, contato: mcmacruz@uem.br

Resumo: *A elaboração deste artigo visa apresentar as ações e atividades desenvolvidas no ano letivo de 2016, pelo Projeto de Extensão: Serviço Social, trabalhadores e Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Vale do Ivaí -PR, o qual possui como objeto o estudo e acompanhamento das ações dos/as trabalhadores/as do Sistema Único de Assistência Social. Ressaltando também a relevância da extensão para a transformação da sociedade.*

Palavras-chave: *Extensão. SUAS. Serviço Social*

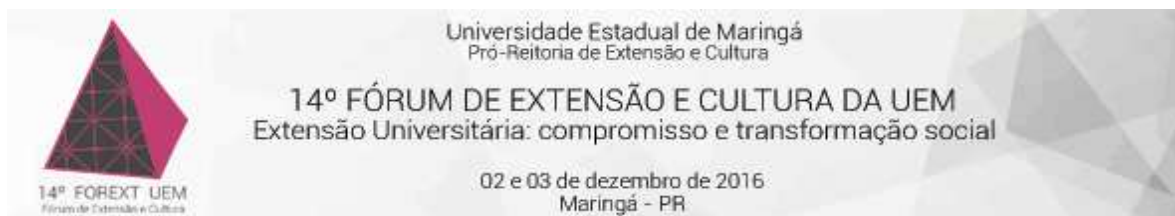
INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão intitulado: *Serviço Social, trabalhadores e Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Vale do Ivaí-PR*, tem por objeto o Sistema Único de Assistência Social, objetivando contribuir na discussão sobre a gestão do SUAS, assim como sua implementação em conjunto com a rede de serviços constituintes do município de Ivaiporã-PR e região do Vale do Ivaí-PR, na educação permanente de seus trabalhadores. Este artigo visa a análise das ações e atividades desenvolvidas no período letivo de 2016, abordando assim a relevância dos projetos de Extensão para a transformação social. As atividades e ações voltaram-se em estudo, sistematização e discussões de material bibliográficos pertinentes ao projeto, rodas de conversas e visitas ao Centro de Referência de Assistência Social- CRAS.

A extensão universitária é de suma importância não apenas para a formação acadêmica, mas também para a transformação social, o que só é possível por intermédio de comprometimento e conhecimento, pois, o objetivo da extensão é a aproximação do conhecimento na universidade com a realidade social vivenciada. Yamamoto (2000) afirma que “a extensão é um processo educativo, cultural e científico que articula a universidade com as necessidades dos segmentos majoritários da população” (p.57). Vale ressaltar que a extensão é apenas um componente do tripé universitário, tendo também o ensino e pesquisa, dimensões que devem estar unidas, entretanto é um grande desafio que vem sendo enfrentado.

Desta forma, as universidades em conjunto com a sociedade podem promover ações que visem à transformação social, o que só se torna possível por meio de conhecimento e comprometimento.

A extensão vem sendo compreendida como ações executadas pelas Universidades, objetivando o repasse de conhecimentos em diversas áreas para a comunidade, sendo também ações educativas, científicas e culturais, visando abranger



as questões emergentes da população do território em que a universidade esta inserida (IAMAMOTO, 2000).

De acordo com SILVA (2005), a transformação social para Marx:

(...) consiste em um processo impulsionado pelas contradições que se estabelecem entre forças produtivas e relações de produção. No início do desenvolvimento do modo capitalista de produção, as relações de propriedade possibilitam o desenvolvimento das forças produtivas, mas, no decorrer do processo, as próprias relações de propriedade tornam-se um estorvo ao seu contínuo desenvolvimento. No bojo desse mesmo processo, desenvolvem-se as classes sociais com interesses antagônicos e que lutam entre si para conservar ou para transformar a sociedade existente. Conforme o desenrolar dessas lutas, ocorreria, então, a transformação ou a conservação da sociedade (pág. 03)

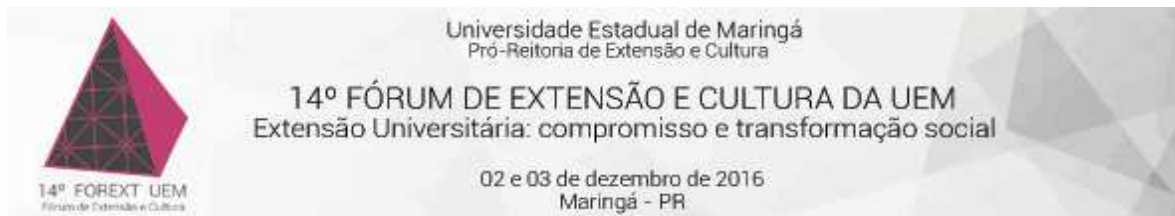
Marx deixou sua concepção de transformação social, e da mesma forma hoje estamos inseridos em um contexto de contradições, assim sendo, se quisermos transformar a realidade precisamos lutar, precisamos de conhecimento e comprometimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste ano letivo está sendo realizado estudos, discussões e sistematizações de materiais bibliográficos acerca da Política Nacional da Assistência Social (PNAS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS), trabalhadores/as do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a profissão de Serviço Social, entre outros que abrangem a temática do Projeto. Ressaltando que os conhecimentos obtidos e sistematizados proporcionam o direcionamento e o embasamento teórico para o planejamento e execução de ações e atividades do Projeto de Extensão.

Rodas de conversa com Assistentes Sociais que atuam nos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). As rodas de conversa abordam assuntos a respeito: da importância do processo de trabalho do/da Assistente Social no CRAS e CREAS, a execução dos serviços socioassistenciais, benefícios e critérios, rede de serviços, limites e desafios, dentre outros. Estes espaços são abertos para todos/as os/as acadêmicos/as do curso de Serviço Social, Assistentes Sociais e demais trabalhadores que atuam no Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

Visitas programadas às instituições: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS e Centro de Referência Especializada de Assistência Social – CREAS, da região em que a Universidade Estadual de Maringá – UEM, Campus Regional do Vale



do Ivaí – CRV, objetivando conhecer o espaço físico das instituições, e sua dinâmica de trabalho.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os estudos e sistematizações e discussões dos materiais bibliográficos têm proporcionado aos integrantes do Projeto de Extensão, conhecimento, tanto ao nível pessoal, quanto acadêmico. O conhecimento obtido no projeto tem possibilitado a organização do planejamento das atividades e ações que estão sendo desenvolvidas e planejadas, considerando que sem o conhecimento e comprometimento não haveria a possibilidade de desenvolver as ações extencionistas. Enquanto as rodas de conversas e visitas proporcionam a aproximação com realidade, onde se pode visualizar a dinâmica de trabalho dos/das trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

CONCLUSÕES

As atividades e ações desenvolvidas têm contribuindo para o diagnóstico da realidade social acerca da temática na região do Vale do Ivaí, e para a produção de conhecimento. A extensão é de extrema importância para a formação acadêmica dos/das discentes, através das ações e atividades executadas, realizando a reflexão do exercício profissional e realidade social, considerando que os discentes que participam do Projeto de Extensão: Serviço Social, trabalhadores e Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Vale do Ivaí-PR, são acadêmicos/as do curso de Serviço Social, e que possivelmente as instituições que fazem parte do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, poderão ser seus futuros campos de trabalho.

Portanto, a extensão Universitária é de extrema relevância para a formação acadêmica dos/das discentes, sendo um instrumento para a transformação social, desde que esteja alicerçada com o comprometimento e conhecimento. Assim pode-se concluir também que a extensão pode proporcionar conhecimento, possibilitando a análise da relação indissociável entre teoria e prática, e a aproximação da realidade.

REFERÊNCIAS

IAMAMOTO, Marilda Villela. Reforma do Ensino Superior e Serviço Social. IN: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Brasília: Valci. 2000.

SILVA, José Otacílio da. A transformação social na visão da sociologia clássica. 2005 Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/IIIseminario/paineis/Painel%2005.pdf>>



MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro, ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós graduação. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41a06.pdf>>

Sessão 8 – Texto 045

OS BENEFÍCIOS DA ATUAÇÃO NO NÚCLEO DE APOIO CONTÁBIL E FISCAL PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS PARTICIPANTES

Área Temática: Educação

Simone L. R. Sanches¹, Rosângela de Oliveira², Rodrigo G. de Almeida³, Joelma C. Marchi⁴

¹Prof.^a Depto de Ciências Contábeis – DCC/UEM, contato: slraimundini@uem.br

²Aluna do Mestrado em Ciências Contábeis – UEM, contato: rosangela_oliveira1985@hotmail.com

³Aluno do Mestrado em Ciências Contábeis – UEM, contato: rogaspar88@hotmail.com.br

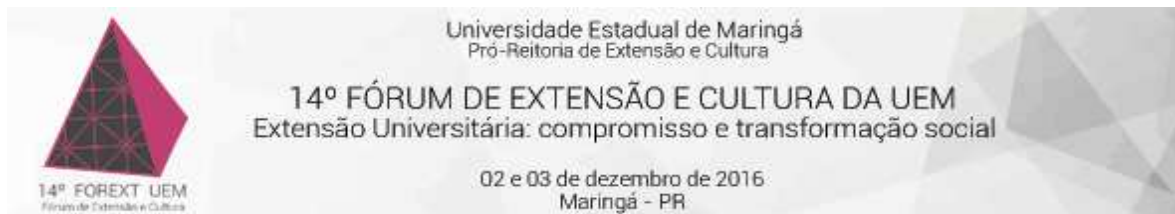
⁴Aluna do curso de Ciências Contábeis – UEM, contato: joelmacrismarchi@gmail.com

Resumo. *O NAF-UEM é um projeto de extensão, voltado para a cidadania, com objetivo de disseminar a educação fiscal e complementar a formação acadêmica, unindo os conhecimentos técnicos e a prática nos atendimentos prestados pelos alunos à sociedade. Este trabalho relata a percepção dos alunos envolvidos nos atendimentos, no período de Janeiro a Outubro de 2016, evidenciando se houve, de fato, contribuição para a formação profissional. Para tanto foi realizado um estudo documental dos depoimentos dos participantes, aplicando-se a técnica de análise de conteúdo. Como resultado, verificou-se que a participação no projeto propiciou aos alunos o aprimoramento da habilidade de comunicação, aplicação das disciplinas cursadas, experiências sociais e a prática da cidadania.*

Palavras-chave: *Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal – educação fiscal - formação profissional*

1. INTRODUÇÃO

Considerando o ambiente competitivo, para que os contadores possam, de fato, contribuir no processo de geração de valor nas empresas, estes devem desenvolver habilidades pessoais e capacidade de compreensão do negócio, bem como dispor de uma postura mais ativa (DIEHL E SOUZA, 2007). Nesse sentido, Franco (1999) destaca que além dos conhecimentos técnicos essenciais, o contador precisa desenvolver habilidades associadas à comunicação, às relações humanas e à administração, para que dessa forma haja um equilíbrio entre a formação teórica e a experiência prática. Adicionalmente, a Resolução CNE/CES 10/2004, em seu artigo 3º, determina que o curso de ciências contábeis deve dar condições para que o futuro contador seja apto a “compreender questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização”. Assim, é importante que as instituições contribuam para a competência do profissional, transcendendo o conhecimento teórico, englobando também as habilidades e atitudes dos alunos (OTT et al., 2011).



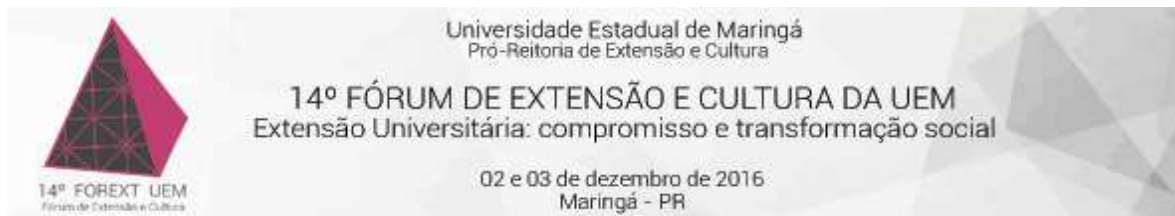
De acordo com o artigo 1º da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (Lei Nº 9.394/1996), a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, e, também, deverá se vincular ao mundo do trabalho e à prática social. Em seu artigo 44º, tal lei afirma que o ensino superior deve desenvolver projetos de extensão para aprimorar a educação (BRASIL, 1996). Sobre a educação fiscal, esta lei possibilita o estímulo à cidadania, pois proporciona a compreensão da relação dos tributos com a promoção de mudanças e redução das desigualdades sociais, além disso, o contribuinte consciente da função social do tributo está apto a participar do processo de arrecadação, aplicação e fiscalização dos recursos públicos (BRASIL, 2016).

Assim, o NAF-UEM configura-se como um projeto de extensão, voltado para a cidadania, visando disseminar a educação fiscal aos MEIs (Microempreendedores Individuais) e complementar a formação acadêmica, aliando os conhecimentos técnicos e a prática nos atendimentos prestados pelos alunos à sociedade, sobre questões contábeis e fiscais. O projeto recebe apoio da Secretaria da Receita Federal; Secretaria de Estado da Fazenda, por meio da Delegacia Regional da Receita Estadual; Conselho Regional de Contabilidade, SEBRAE, SESC-PR, SINCONTABIL e Prefeitura Municipal de Maringá, de forma a criar e oferecer uma estrutura para prestação de serviços e educação fiscal ao público de baixa renda e aos MEIs. Ademais, no rol de benefícios aos alunos, há as participações em palestras e treinamentos proporcionados pelos apoiadores, além da interação ativa entre os alunos e os docentes envolvidos no projeto.

No período de Janeiro a Outubro do ano de 2016 foram realizados 62 atendimentos aos MEIs no NAF-UEM, envolvendo 4 alunos, sendo prestados 122 serviços, dentre eles: declaração anual; informações com relação à regularização, baixa cadastral e Imposto Nacional da Seguridade Social (INSS); formalizações; impressões de guias e comprovantes do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), bem como alterações de endereço e Código Nacional de Atividade Econômica (CNAE) e baixa no CNPJ. Assim, corroborando com Franco (1999), o NAF-UEM proporcionou aos alunos, além do conhecimento técnico, um ambiente propício ao desenvolvimento de habilidades de comunicação, relações humanas e administrativas, por meio dos atendimentos realizados. Nesse contexto, este trabalho relata a percepção dos alunos envolvidos nos atendimentos aos MEIs no projeto NAF-UEM, evidenciando se houve, de fato, contribuição para a formação profissional, mediante os depoimentos dos participantes no ano de 2016.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho possui abordagem qualitativa, sendo utilizada a técnica de análise de conteúdo nos depoimentos dos alunos envolvidos nos atendimentos promovidos pelo projeto NAF-UEM. Tal técnica é utilizada para extrair a essência da informação contida na resposta, levando-se em conta, o contexto no qual o respondente está inserido (MARTINS E THEÓPHILO, 2007). Para obtenção dos depoimentos, foi solicitado aos alunos que descrevessem suas experiências no projeto em questão, evidenciando se houve benefícios percebidos, seja com relação à aquisição ou aperfeiçoamento de habilidades, bem como o impacto no desempenho no curso e na formação profissional.



3. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os alunos que envolvidos nos atendimentos aos MEIs, por meio do projeto NAF-UEM, afirmaram que a experiência vivenciada contribuiu para a sua formação acadêmica e profissional. A participação nos atendimentos, na percepção dos alunos, possibilitou o desenvolvimento de habilidades de comunicação, além de proporcionar a aplicação prática de disciplinas cursadas, o que vai de encontro com a visão de Franco (1999). De acordo com os alunos, a possibilidade da aplicação prática dos conceitos acadêmicos no âmbito empresarial contribuiu para o desempenho nas disciplinas cursadas na graduação.

Relatou-se também que, embora o curso de Ciências Contábeis seja visto como prático, os alunos lidam com dados fictícios nas atividades em sala e a experiência no NAF possibilitou a interação com casos reais, nos quais foi possível, entre outras atividades, a formalização de empresas e a elaboração das declarações de imposto de renda dos MEIs. Outra contribuição percebida pelos alunos participantes do projeto, foi quanto à sua responsabilidade social perante a sociedade, pois afirmaram que contribuíram, de certa forma, para a geração de empregos e de riqueza local, tendo em vista as atividades desenvolvidas.

Na percepção dos alunos envolvidos, também houve benefícios com relação ao aprendizado relacionado com as consultas de informações junto a órgãos públicos tais como: Receita Federal, Receita Estadual e prefeituras, pois os alunos orientavam os MEIs quanto à obrigatoriedade do alvará municipal, emissão de notas fiscais eletrônicas e alterações de dados cadastrais. Os alunos também relataram benefícios percebidos com relação ao acesso a tais órgãos, uma vez que os mesmos sempre foram receptivos ao projeto, sanando dúvidas e ministrando palestras e treinamentos.

4. CONCLUSÕES

O projeto de extensão NAF-UEM é voltado para a cidadania, visando disseminar a educação fiscal aos MEIs e complementar a formação acadêmica, com o intuito de aliar os conhecimentos técnicos e a prática nos atendimentos prestados pelos alunos à sociedade, sobre questões contábeis e fiscais. Por meio da análise de conteúdo dos depoimentos dos alunos participantes do projeto, verificou-se que os mesmos ressaltaram a aquisição de habilidades comunicativas, além da interação social, contribuição para a cidadania e aperfeiçoamento de conhecimentos acerca de legislações. Na percepção dos alunos, o projeto contribuiu para o desempenho dos mesmos no curso de Contabilidade. Conforme exposto, é função do ensino superior propiciar aos alunos experiências sociais e extracurriculares, nesse sentido, torna-se evidente a contribuição do NAF-UEM, vinculado ao departamento de Ciências Contábeis, para a formação e desenvolvimento pessoal dos alunos. Além das contribuições geradas a estes, cumpre ressaltar a relevância do projeto para a sociedade, visto que o mesmo desenvolve a cidadania através da educação fiscal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 nov 2016.



BRASIL, Secretaria da Receita Federal. *Educação Fiscal*. Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/aceso-rapido/direitos-e-deveres/educacao-fiscal>>. Acesso em 31 out 2016.

DIEHL, C. A.; SOUZA, M. A. de. Formação, certificação e educação continuada: um estudo exploratório do profissional contábil sob a ótica das empresas head hunters. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da Unisinos*, v. 4, 3, 2007, pp. 233-248. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/5610/281>>. Acesso em 31 out 2016.

FRANCO, H. *A contabilidade na era da globalização*. São Paulo, Atlas, 1999.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.

OTT, E., CUNHA, J. V. A., CORNACCHIONE Jr, E. B.; DE LUCA, M. M. M. Relevância dos conhecimentos, habilidades e métodos instrucionais na perspectiva de estudantes e profissionais da área contábil: estudo comparativo internacional. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 22, 57, 2011, pp. 338-356. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34343/37075>>. Acesso em 31 out 2016.

Sessão 8 – Texto 048

Do agrotóxico ao orgânico, uma nova alternativa.

Área Temática: Trabalho

Alline de L. Rodrigues¹, Max Emerson Rickli², Ana P. B. M. Tito³, Jamila S. Pixaque⁴, Milton S. Juinor⁵

¹Aluna do curso de Agronomia, bolsista PIBIS/UEM, contato: allinerodrigues_10@hotmail.com

²Zootecnista, coordenador do projeto de extensão, contato: ricklimax@gmail.com

³Aluna do curso de Engenharia Ambiental, bolsista PIBIS/UEM, contato: Anapaulabuenomt@icloud.com

⁴Aluna do curso de Agronomia, bolsista PIBIS/UEM, contato: jAMILAPIXAQUE@hotmail.com

⁵Aluna do curso de Engenharia de Civil, bolsista PIBIS/UEM, contato: mtjunior@live.com

Resumo. *Na propriedade da Sr^a Rosana fora solicitado um auxílio com a produção de algumas hortaliças, a horta está passando por um período de adaptação com a saída do agrotóxico para o início de uma produção orgânica. O objetivo é a obtenção de produtos sem veneno para venda em cozinha industrial e feira FAISCA (Feira Agroecológica de Inclusão Social Cultura e Artes), através de táticas sustentáveis.*

Palavras-chave: hortaliças – Produção – Orgânico

1. INTRODUÇÃO

1.1 Informações gerais/contextualização

Principais produções: acelga, repolho, tomate, limão, melancia, café e milho.

Principais problemas: Café: No fim de outubro é aplicado um agrotóxico para prevenir o “bicho mineiro” – (*Leucoptera Coffeilla*: Por fora o local por onde passa a lagarta vai secando e adquirindo cor de ferrugem que se cedem ao apertar);

Acelga: “Besouro vaquinha” – *Chrysomelidae*. Agrônomo local recomendou o inseticida Brilhante (Inseticida e acaricida sistêmico de contato e ingestão);

Melancia: Houve aplicação do Evidence (Inseticida sistêmico do grupo neonicotinóide), 1x no nascimento e outra após 15 dias;

Limão: Folhas amarelado, os pés vão secando passando a doença de um para o outro;

1.2 Sobre ser orgânico

São chamados alimentos orgânicos aqueles que são cultivados de maneira especial, livres de agrotóxicos e que são produzidos em solo trabalhado.

Em relação aos alimentos de origem animal, não possuem hormônios de crescimento, anabolizantes e outras drogas.

Podem ser alimentos orgânicos: verduras, frutas, sucos, óleos, ovos, carne, vinhos e outros.

2. OBJETIVO

A obtenção de produtos sem veneno para venda em cozinha industrial e feira FAISCA (Feira Agroecológica de Inclusão Social Cultura e Artes), através de táticas sustentáveis.

3.PRIMEIRA VISITA



Figura 1. Vírus no pé de limão constatado na primeira visita. As plantas contaminadas, de início mostram uma acentuada clorose das nervuras das folhas, que então amarelecem e caem.

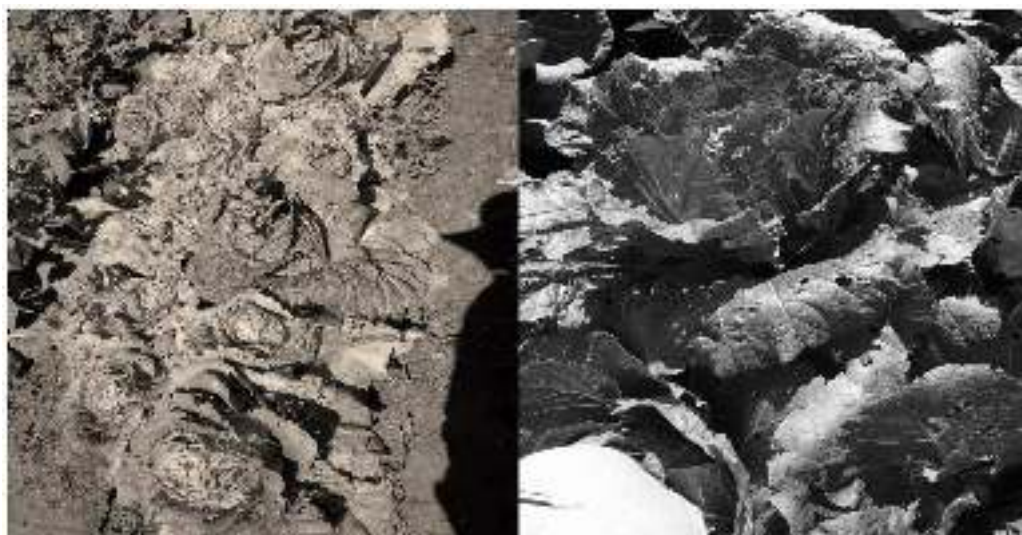


Figura 2. Acelga com “vaquinha”. A vaquinha e a lagarta das folhas são as principais pragas que podem prejudicar as plantas. A rotação ou consorciação de culturas deve ser feita, especialmente com leguminosas, pois estas fornecem nitrogênio para a hortalica.

4.INDICAÇÕES/METODO DE CONTROLE PARA PATÓGENOS

Repelente para pulgões, lagartas e vaquinhas.

Ingredientes: 1 kg de cebola ou cebolinha verde; 10 litros de água.



Modo de preparar e usar: Cortar a cebola ou a cebolinha verde e misturar em 10 litros de água, deixando o preparado curtir por 10 dias, ou no caso da cebolinha verde, deixe 7 dias; Para pulverizar as plantas, utilizar 1 litro da mistura para 3 litros de água.

Para controle de insetos e nematoides.

Ingredientes: 100 g de ramos e folhas de cravo-de-defunto; 100 ml de acetona; 2 litros de álcool.

Modo de preparar e usar: Picar os ramos e as folhas e juntar a acetona; Deixar repousar por 24 horas e juntar ao álcool; Pulverizar à 10% ou seja, um litro da solução em 10 litros de água; OBS: Plantar cravo-de-defunto na borda da plantação.

Para Gomose (Phytophthora) e Rubelose (Corticium salmomicolos).

Ingredientes: 1 kg de sulfato de cobre; 2 kg de cal virgem; 10 litros de água.

Modo de preparar e usar: Misturar 1 kg de sulfato de cobre com 2 kg de cal virgem, colocando água aos poucos, mexendo sempre, até formar uma pasta. Passar a pasta após a poda e eliminação dos galhos, pincelar o tronco, o solo ao seu redor e a base dos ramos principais (pelo menos 4x por ano).

Controle de doenças fúngicas.

Ingredientes: 50 g de flores de camomila; 1 litro de água.

Modo de preparar e usar: Misturar 50 g de flores de camomila em 1 litro de água. Deixar de molho durante 3 dias, agitando 4x por dia. Após coar, aplicar a mistura 3x a cada 5 dias.

Adubo foliar e aumento na resistência contra pragas e moléstias.

Ingredientes: 10 litros de esterco de curral (fresco); 3 litros de esterco de galinha; 500 g de açúcar e água.

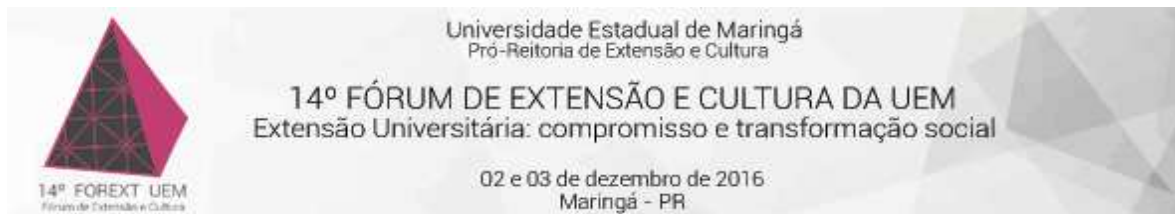
Modo de preparar e usar: Num recipiente plástico de 20 litros, colocar meia lata (10 litros) de esterco de curral, o esterco de galinha e o açúcar. Completar com água de 8 a 10 centímetros antes da borda de cima, para evitar transbordar. Fechar bem e deixar 5 dias. A calda pronta deve ser diluída, misturando 1 litro da calda obtida para cada 10 litros de água.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dificuldades de deslocamento por ser uma propriedade rural e a IEES não possuir carro; Encontrar alternativas para saída do agrotóxico, utilizando substâncias naturais; Conscientização do produtor para entrada no cultivo orgânico (deixando de usar veneno).

REFERÊNCIAS

FOLHA ONLINE. Alimentos Orgânicos. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/saude-bem-estar/alimentos-organicos>>. Acesso em: 03 nov. 2016.



FOLHA ONLINE. Cultivo Orgânico. Disponível em: <<http://cultivehortaorganica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

FOLHA ONLINE. Embrapa. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

FOLHA ONLINE. Caldas Naturais. Disponível em: <http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/caldas_naturais.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

ZAMBERLAM, J; FRONCHETI, A; **Agroecologia**: caminho de preservação do agricultor e do meio ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

Sessão 8 – Texto 0167

Conscientização dos malefícios causados pelo uso do Narguilé no Museu Dinâmico Interdisciplinar da Universidade Estadual de Maringá Área Temática: Saúde

Celso Ivam Conegero¹, Idalina Diair Regla Carolino², Thayna M. R. de Oliveira³,
Frida A. Budach⁴, Janaína C. S. Franco⁵

¹Prof. Dr. Depto de Ciências Morfológicas – DCM/UEM, contato: celsoconegero@hotmail.com

²Prof.^a Me. do Depto de Medicina – DMD/UEM, contato: idrcarolino@gmail.com

²Aluna do curso de Farmácia – UEM, contato: oliveirathayna@live.com

³Aluna do curso de Odontologia – UEM, contato: fridaariadni@hotmail.com

⁴Aluna do curso de Ciências Biológicas – UEM, contato:janah_.al@hotmail.com

Resumo. *No Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), contamos com o ambiente do tabagismo, onde conscientizamos o público sobre os malefícios causados pelo uso do cigarro e também do narguilé, já que o uso do narguilé está aumentando entre os jovens. No Narguilé, a fumaça passa por um recipiente com água antes de ser inalada, nos levando a acreditar que isso causa menos danos nocivos a saúde. Porém isso não é verdade, essa passagem pela água serve somente para resfriar a fumaça a ser inalada, o que a deixa mais suave, mas não diminui o efeito nocivo a saúde. Além disso, fumantes do narguilé compartilham do mesmo bocal, o que facilita a propagação de doenças transmissíveis. E o tempo de exposição a esse dispositivo é maior do que ao cigarro, por isso que fumar narguilé é como fumar 100 cigarros.*

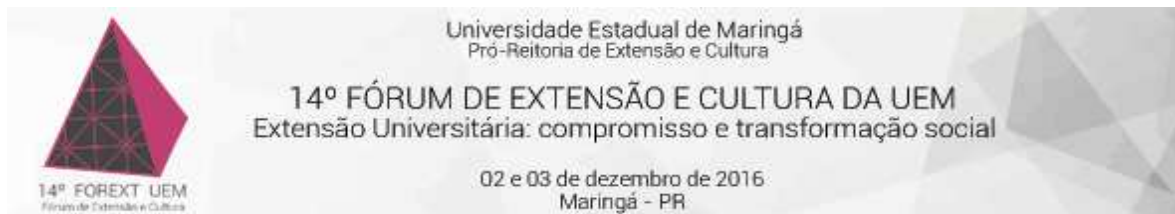
Palavras-chave: *Tabagismo – Narguilé – MUDI*

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o tabagismo é considerado a principal causa de morte evitável no mundo. A OMS estima que um terço da população mundial adulta, isto é, 1 bilhão e 200 milhões e pessoas, sejam fumantes.

O tabagismo é uma doença epidêmica responsável por cerca de 200 mil mortes por ano no Brasil. Os cânceres de pulmão e laringe são os que mais matam no país. Em 2012, foram registrados 23.501 óbitos de câncer de pulmão e 4.339 de laringe.

A fumaça do cigarro tem mais de 4,7 mil substâncias tóxicas, entre elas estão o alcatrão, a nicotina, a acetona, o formol. O alcatrão, por exemplo, é composto de mais de 40 compostos cancerígenos. Já o monóxido de carbono (CO) em contato com a hemoglobina do sangue dificulta a oxigenação e, conseqüentemente, ao privar alguns órgãos do oxigênio causa doenças como a aterosclerose (que obstrui os vasos sanguíneos). A nicotina é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)



droga psicoativa que causa dependência. Ela também aumenta a liberação de catecolaminas, que contraem os vasos sanguíneos, aceleram a frequência cardíaca, causando hipertensão arterial.

Além do cigarro, temos o cachimbo d'água utilizado para o fumo de tabaco, que foi inventado na Índia entre 1556-1605, por um médico chamado Hakim Abul Fath, que sugeriu que se o fumo do tabaco passasse por um recipiente com água antes de ser inalado, teria menos danos nocivos à saúde. Isso pode ser responsável pela crença atual de que tal cachimbo d'água (agora conhecido por vários nomes, como narguilé, arguile, hookah, shisha e hubble-bubble) é uma forma menos prejudicial de se fumar tabaco. Essa crença é reforçada por práticas de marketing irresponsáveis. Por exemplo, os rótulos de essência de narguilé afirmam que os produtos apresentam 0% de alcatrão e 0,05-0,5% de nicotina. Além da falsa sensação de segurança, as razões para a propagação mundial do uso de narguilés podem incluir um aumento da consciência dos efeitos negativos do uso dos cigarros sobre a saúde e a interação social agradável que vem com sessões de uso de narguilé. No entanto, fumantes de narguilé geralmente compartilham do mesmo bocal (passando-o de pessoa para pessoa), o que pode facilitar a propagação de doenças transmissíveis, como resfriados, infecções respiratórias, tuberculose, hepatite e herpes. Há relatos de tuberculose resistente a medicamentos transmitida via narguilés.

Os fumantes de narguilé estão expostos a muitas substâncias perigosas. Entre fumantes de narguilé, há relatos de intoxicação por monóxido de carbono, que se manifesta como dor de cabeça, tonturas, náuseas e fraqueza, seguida de síncope. Em pesquisas, realizaram uma revisão sistemática de 24 estudos sobre os efeitos do uso de narguilé na saúde. Os autores descobriram que o uso de narguilé foi significativamente associado com câncer de pulmão e doenças respiratórias.

2. MÉTODOS

Considerando a crescente utilização do tabaco pelos jovens, principalmente o uso do narguilé, no Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI), da Universidade Estadual de Maringá temos o ambiente sobre o tabagismo (imagem 01), onde contamos com peças anatômicas reais acometidas por doenças causadas pelo uso do tabaco, e também material informativo impresso com as consequências do uso do tabaco, que nos ajuda a conscientizar os alunos, professores e o público em geral (imagem 02) sobre os males causados pelo tabaco e também pelo o narguilé, já que estudos realizados afirmam que o narguilé faz tão mal quanto o cigarro.

A maioria dos visitantes sabe de alguns males causados pelo tabagismo, porém superficialmente, e ficam admirados quando lhes é mostrados as peças anatômicas com danos causados pelo tabagismo, e não sabem sobre os danos causados pelo uso do narguilé, já que a mídia nos sugere que essa passagem da fumaça pela água acaba diminuindo os danos nocivos causados á saúde.

3. CONCLUSÃO

O trabalho de conscientização e prevenção pode ser a melhor forma para que novos usuários não ingressem nesse vício causado pela nicotina.

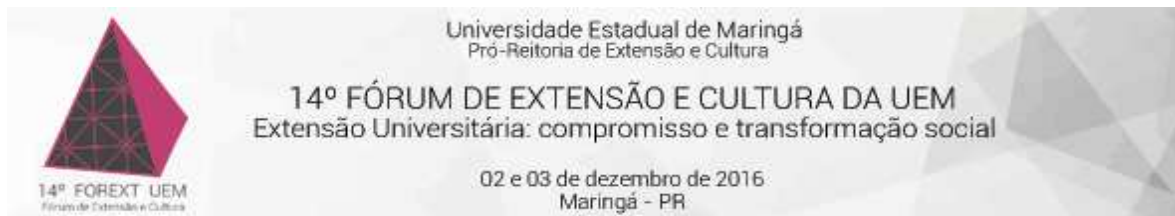
4. IMAGENS



Imagem 01 – Ambiente do Tabagismo no Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Imagem 02 – Conscientização dos males causados pelo tabagismo a uma turma no MUDI.



REFERÊNCIAS

PORTAL BRASIL. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2014/08/cigarro-mata-mais-de-5-milhoes-de-pessoas-segundo-oms>>. Acesso em: 24out. 2016.

JORNAL BRASILEIRO DE PNEUMOLOGIA. Disponível em : <http://www.jornaldepneumologia.com.br/detalhe_artigo.asp?id=2264>. Acesso em: 24out. 2016.

CONSEQUÊNCIAS DO TABAGISMO PARA A SAÚDE. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/arquivos-pdf/pdf/309518.pdf>>. Acesso em: 24out. 2016.

Sessão 12 – Texto 100

HIPERCALCIÚRIA IDIOPÁTICA E LITOGÊNESE

Área temática: Saúde

**Luciene Akimoto Günther¹, Gisele Takahachi², Heloísa N. Kwabara dos Anjos³,
Luane Oliveira Reis⁴, Patricia Satie Higashibara⁵, Márcia Rosângela Oliveira⁶,
Patrícia de Souza Bonfim⁷.**

¹Prof.^a Depto de Bioquímica Clínica – DAB/UEM, contato: luciene.akimoto@gmail.com

²Farmacêutica Bioquímica do Setor de Bioquímica Clínica, contato: gtakahachi@uem.br

³Farmacêutica Bioquímica do Setor de Bioquímica Clínica, contato: hnkanjos@uem.br

⁴Aluna do curso de Farmácia – DAB/UEM, contato: luane.reis@gmail.com

⁵Aluna do curso de Farmácia – DAB/UEM, contato: patriciahigashibara@gmail.com

⁶Prof.^a Depto de Bioquímica Clínica -DAB/UEM, contato: mroneves@hotmail.com

⁷Prof.^a Depto de Bioquímica Clínica – DAB/UEM, contato: patbonfim.09@gmail.com

Resumo: *A calculose renal é uma condição complexa causada por uma vasta variedade de fatores, incluindo desordens metabólicas, defeitos anatômicos com ou sem infecções urinárias crônicas. Distúrbios metabólicos, como a hipercalciúria idiopática (HI) está presente em 40 a 60% dos indivíduos. O objetivo deste trabalho foi avaliar a hipercalciúria como fator de risco metabólico na formação de cálculos renais em pacientes portadores de nefrolitíase recorrente. A hipercalciúria foi pesquisada em amostras de urina de 24 horas. Todas as urinas foram coletadas com HCl 50% como conservante, com ajuste do pH para 2,0. A metodologia utilizada foi Método Colorimétrico utilizando o equipamento automatizado. Foram estudados 198 pacientes (87 do sexo masculino e 111 do sexo feminino). Hipercalciúria foi detectada em 27 (13,6%) dos indivíduos. A detecção da hipercalciúria como fator de risco para litogênese, permite o estabelecimento de terapêutica adequada fundamentais para evitar a recorrência da doença.*

Palavras-chave: *Calculose Renal – Nefrolitíase – Hipercalciúria*

INTRODUÇÃO

A nefrolitíase é uma situação patológica conhecida do Homem desde a mais remota Antiguidade. Foram encontrados cálculos urinários na cavidade pélvica de múmias egípcias pré-históricas datadas de cerca de 8000 AC. Epidemiologicamente falando, atinge homens e mulheres na sua fase produtiva, entre a terceira e quarta década de vida, e predomina no sexo masculino numa proporção de 2:1. Ocorre em cerca de 1 a 20% da população mundial, com recorrência em torno de 50% após 5 a 10 anos do primeiro episódio.

A calculose renal é uma condição complexa causada por uma vasta variedade de fatores, incluindo desordens metabólicas, defeitos anatômicos com ou sem infecções urinárias crônicas. Trata-se de uma patologia geralmente de causa idiopática onde a predisposição genética atua como um componente importante, mas fatores ambientais e de estilo de vida desempenham um papel considerável na gênese da doença. Para que os cristais sejam formados é necessária a supersaturação da urina com relação ao material do cálculo. Essa supersaturação pode ocorrer em várias situações: deficiência de

inibidores; excesso de substâncias litogênicas; alterações persistentes no pH urinário; infecção; alterações anatômicas e/ou urodinâmicas; mecanismos mistos.

Distúrbios metabólicos (excesso de substâncias litogênicas, deficiência de inibidores e alterações no pH) acometem aproximadamente 80 a 95% dos litíasicos, sendo que a hipercaleiúria idiopática (HI) está presente em 40 a 60% dos indivíduos, sendo a causa mais comum a hipercaleiúria absorptiva, devido a aumento da absorção intestinal de cálcio. A hipercaleiúria contribui para a formação do cálculo de cálcio por aumentar a saturação urinária deste elemento⁴.

Hipercaleiúria idiopática(HI) é definida quando ocorre hipercaleiúria na ausência de hipercalemia, uso de vitamina D, hiperparatireoidismo primário, hipertireoidismo, acidose tubular renal, tratamento com corticosteroide, sarcoidose e outras doenças granulomatosas e neoplasias malignas. Dados da literatura demonstram uma importante contribuição genética na patofisiologia da hipercaleiúria com mutações em genes envolvidos direta ou indiretamente com o transporte tubular renal de cálcio, dentre eles, o CLCN5, CLCNKB e WNK quinase. Aumento da absorção intestinal de cálcio, defeito na reabsorção tubular de cálcio ou aumento da reabsorção óssea são citados como mecanismos patogênicos. A dieta rica em sódio é um fator a ser considerado na patogênese da hipercaleiúria. A morbidade desta patologia está relacionada à nefrolitíase, hematuria e desmineralização óssea.

A HI ocorre quando níveis de excreção urinária de cálcio em uma amostra de urina de 24 horas é superior a 300 mg/dia (7,5 mmol) em homens ou 250 mg/dia (6,25 mmol) em mulheres ou maior do que 4 mg (0,1 mmol) por quilograma de peso corporal por dia, independentemente do sexo e idade, na ausência de hipercalemia.

Estudos confirmam que a hipercaleiúria idiopática é uma enfermidade comprovadamente ligada à hereditariedade assim como a doença calculosa renal e, observou-se no estudo, que em mais de 50% dos casos houve relato de positividade para a doença litíase renal entre os familiares dos pacientes avaliados. Do mesmo modo, a formação de cálculos urinários ocorreu em mais de 50% dos pacientes, reafirmando o fato de que a HI é fator de risco para a formação de cálculos.

OBJETIVO

Avaliar a hipercaleiúria como fator de risco metabólico na formação de cálculos renais em pacientes que procuraram o LEPAC para a Realização do Estudo Metabólico da Litíase Renal.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram estudados 198 pacientes (87 do sexo masculino e 111 do sexo feminino). Destes, 141 eram adultos e 57 crianças. O Estudo Metabólico da Litíase Renal obedeceu ao protocolo apresentado no Quadro 1: Urina I, urocultura + antibiograma (quando necessário); 2 urinas de 24 horas para avaliação do volume urinário de 24 horas e para dosagens de cálcio (Método Colorimétrico Arsenazo III – Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), fósforo (Método cinético UV - Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), ácido úrico (Método Colorimétrico Enzimático – Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co), creatinina (Método Cinético sem desproteinização, Jaffé - Diasys- Diagnostics



Systems GmbH Co.), citrato (Método Enzimático), sódio (Método da Fotometria de Chama), magnésio (Método Colorimétrico – Xylidyl- Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), cistina (Método do nitroprussiato de sódio); medida do pH urinário após 12 horas de restrição hídrica (2ª urina da manhã). Sangue em jejum de 12 horas foi colhido para dosagens de cálcio, fósforo, ácido úrico, creatinina, utilizando-se as mesmas metodologias citadas anteriormente.

Quadro 1. Estudo Metabólico da Litíase Renal

Urina tipo I
Medida do pH urinário com 12 horas de restrição hídrica
Urina de 24 horas (2 amostras): volume, dosagens de cálcio, fósforo, ácido úrico, cistina, creatinina, sódio, magnésio e citrato
Sangue (jejum de 12 horas): dosagens de ácido úrico, cálcio, fósforo e creatinina

A hipercalciúria foi pesquisada em amostras de urina de 24 horas. Todas as urinas foram coletadas com HCL 50% como conservante, com ajuste do pH para 2,0. A metodologia utilizada foi (Método Colorimétrico Arsenazo III – Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), e a dosagem foi realizada no equipamento automatizado Vitalab-Selectra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram estudados 198 pacientes (87 do sexo masculino e 111 do sexo feminino). Destes, 141 eram adultos e 57 crianças. Hipercalciúria foi detectada em 27 (13,6%) dos indivíduos.

Apesar da HI ser considerada principal alteração metabólica responsável pela formação de cálculos urinários tanto em adultos quanto em crianças, nossos achados foram bem menores em relação a outros autores como Coe et al, que detectaram hipercalciúria em 40-60% dos indivíduos estudados. A hipercalciúria contribui para a formação do cálculo de cálcio por aumentar a saturação urinária deste elemento. Além de fazer parte dos fatores de risco para a litogênese, a hipercalciúria pode causar ainda hematuria, alterações tubulares e desmineralização óssea.

Interessante observar que no passado, a restrição de cálcio constituiu-se na principal recomendação no tratamento da nefrolitíase, intuitivamente baseada no fator de risco hipercalciúria. Entretanto, sabe-se hoje que, quanto maior é a ingestão de cálcio, menor era a formação de cálculos renais. E, ainda, que dieta restrita em sal e proteína, combinada com ingestão de cálcio adequada, pode ser mais eficiente em reduzir a recorrência de nefrolitíase, em comparação a dieta pobre em cálcio.

Existem ainda razões pelas quais a restrição de cálcio deve ser evitada em pacientes hipercalciúricos: indução de hiperossalúria secundária, predisposição a perda óssea devido a balanço negativo de cálcio e também porque outros nutrientes como proteínas, sódio, oxalato e potássio podem afetar a excreção de cálcio. Portanto, atualmente recomenda-se que os pacientes litíasicos não restrinjam o cálcio da dieta e que mantenham a ingestão habitualmente recomendada para a população em geral, em torno de 800 a 1000 mg/dia.

O tratamento da HI preconizado na literatura constitui-se de alta ingestão hídrica, adequação da dieta em relação a sódio e proteínas, prescrição de citrato de potássio e diuréticos tiazídicos.

Considera-se, portanto, de grande importância, a elucidação dos principais fatores de risco da doença litíásica, para que os indivíduos mais susceptíveis a desenvolver a HI sejam melhor monitorados e, dessa forma, tenham menores chances de serem expostos às consequências da formação de cálculos e demais eventos provocados pela patologia.

CONCLUSÃO

A detecção da hipercalciúria como fator de risco para formação da urolitíase através de estudos metabólicos, permite o estabelecimento de terapêutica adequada, complementar a várias medidas profiláticas de caráter geral. Tais medidas são fundamentais para evitar a recorrência da doença, bem como, para corrigir as manifestações extrarrenais da doença litíásica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEV E.; DOLEV E. Use of natural substances in the treatment of renal stones and other urinary disorders in the medieval Levant. *Am Journal Nephrol*, v. 22, p. 172-179, 2002.
- TOSTES V.; CARDOSO L.R. Recentes avanços em litíase urinária. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, v. 23, p. 166-173, 2001.
- HEILBERG I.P.; BOIM M.A.; SCHOR N. Biochemical differences between stone formers and normal subjects. In: Segura J.; Conort P.; Khoury S.; Pak C.; Preminger G.M.; Tolley D.; editors. *Stone disease*. France: Health Publications, 2003, p. 61-64.
- COE F.L.; EVAN A.; Worcester E. Kidney stone disease. *Journal of Clinical Investigation*, v. 115, p. 2598-2608, 2005.
- HEILBERG I.P.; SCHOR N. Renal stone disease: causes, evaluation and medical treatment. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, v. 50, p.823-31, 2006.
- PAK C.Y.C; RESNICK M.I. Medical therapy and new approaches to management of urolithiasis. *Urologic Clinics of North America*, v. 27, p. 243-253, 2000.
- BATAILLE P.; FARDELLONE P.; GHAZALI A.; CAYROLLE G.; HOTTELART C.; ACHARD J-M et al. Pathophysiology and treatment of idiopathic hypercalciuria. *Current Opinion Rheumatology*, v. 10, p. 373-388, 1998.
- VEZZOLI G.; SOLDATI L.; GAMBARO G. Update on primary hypercalciuria from a genetic perspective. *Journal of Urology*, vol. 179, p. 1676-1682, 2008.
- MEHES K.; SZELID Z.S. Autosomal dominant inheritance of hypercalciuria. *European Journal of Pediatrics*, v. 133, p. 239-242, 1980.
- DAMASIO P.C.G.; AMARO C.R.P.; BERTO S.J.P.; CUNHA N.B.; PICHUTTE C.R.P.; AMARO J.L. Urinary lithiasis and idiopathic hypercalciuria: the importance of dietary intake evaluation. *International Brazilian Journal of Urology*, v. 36, p. 557-562, 2010.

Sessão 12 – Texto 103

A importância de um blog na saúde: Medidas Educativas e Preventivas Para Pacientes Oncológicos Área temática: Saúde

**Ana C.R. Silva¹; Jéssica C. Silva², Marcia C. da Silva³, Cristiane M. Calazans⁴,
Mariliani C. da Silva⁵, Elen de S. Tolentino⁶, Lilian V. Iwaki⁷**

¹Aluna do curso de Odontologia, contato: ana.raminn@gmail.com

²Aluna do curso de Odontologia, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: jessicacatiste@gmail.com

³Aluna do Curso de Odontologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: macristinadasilva@gmail.com

⁴Assistente Social Depto de odontologia – DOD/UEM, contato: cmcalazans@gmail.com

⁵Prof.^a Depto de odontologia – DOD/UEM, contato: mariliani@yahoo.com

⁶Prof.^a Depto de Odontologia – DOD/Uem, contato: elentolentino83@gmail.com

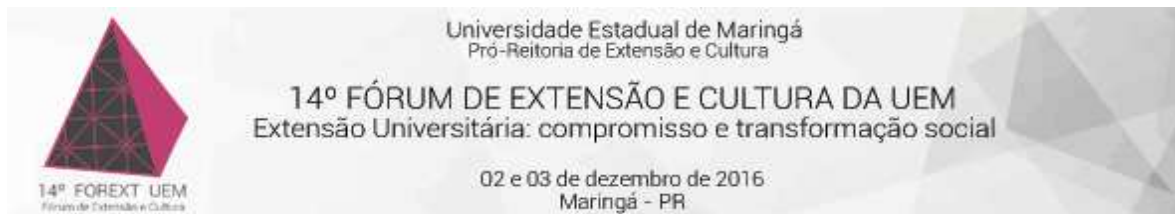
⁷Prof.^a Depto de Odontologia – DOD/Uem, contato: lilianiwaki@gmail.com

Resumo: *Mais da metade dos domicílios brasileiros passou a ter acesso à internet no ano de 2014, tornando os meios de comunicação e pesquisa online uma forma de construção do conhecimento da população. A internet tem-se mostrado uma fonte de informação em pesquisas para a saúde de grande relevância, entre essas fontes, encontram-se os blogs. O objetivo do blog intitulado “Projeto Vida” realizado pelo Projeto Medidas Educativas e Preventivas Para Pacientes Oncológicos do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá é trazer ao internauta o acesso à artigos, materiais didáticos e informações a respeito do câncer, desde as principais causas dessa doença, até as formas de seu tratamento. Deste modo, trazendo a informação necessária à pacientes oncológicos, seus familiares e a população em geral. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é divulgar a existência do blog e sua importância para a educação continuada de pacientes.*

Palavras-chave: *Blog, Pacientes Oncológicos, Informação.*

INTRODUÇÃO

Mais da metade dos domicílios brasileiros passou a ter acesso à internet em 2014, aponta a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O que demonstra que, pesquisa na internet, a respeito de qualquer assunto, é algo de fácil acesso por grande parte da população brasileira. Com o advento das tecnologias da informação e comunicação, novos meios para que haja a construção do conhecimento vieram para ampliar a instrução das pessoas (Coutinho, 2007). O que antes vinha a ser conhecido apenas em escolas, universidades, por meio da leitura de livros e artigos, passa a ter um novo espaço para o conhecimento. As empresas, a residência e o espaço social tornaram-se educativos. A partir de um espaço virtual as pessoas tendem a ter uma facilidade a formação e aprendizagem a distância, buscando informações disponíveis nas redes de computadores e em serviços disponibilizados pela Internet, que respondem às suas exigências pessoais de conhecimento (Coutinho, 2007). Pesquisas mostram que a criação da internet favoreceu bastante o acesso a informação, colaboraram também com uma produção massificada de conteúdo das mais variadas fontes (Biruel, 2008). Entre os meios de



informação mais conhecidos pela população, encontram-se os blogs, que são determinados por ser,

“Uma página na Web que se pressupõe ser atualizada com grande frequência, através da colocação de mensagens – que se designam “posts” – constituída por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar.” (Gomes, 2005).

Graças ao fácil acesso a informações através da internet e sabendo que há uma grande procura por questões de saúde, o Projeto Medidas Educativas e Preventivas Para Pacientes Oncológicos criou o Blog intitulado “Projeto Vida” o qual vem propiciar informações pertinentes acerca do câncer e divulgar a existência deste projeto, que visa atender pacientes com câncer. .

OBJETIVO

Fornecer informações a respeito do Blog do Projeto Medidas Educativas e Preventivas Para Pacientes Oncológicos, intitulado “Blog do Projeto Vida”, que tem o intuito de propiciar informações pertinentes a respeito do câncer para o internauta, permitindo que o mesmo tenha acesso à artigos, materiais didáticos e informações sobre a doença, desde as suas principais causas, até as formas de seu tratamento.

METODOLOGIA

O projeto é formado por duas docentes do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá, uma assistente social e três acadêmicas. Em reuniões presenciais mensais, são discutidos os assuntos que serão semanalmente inseridos no blog e ao longo da semana são feitas as correções dos “post”, antes deles serem oficialmente disponibilizados no blog. A elaboração dos textos e suas publicações são realizadas pelas três acadêmicas do curso de Odontologia da Universidade estadual de Maringá.

RESULTADOS

O câncer é uma doença que ainda assusta milhares de indivíduos e ter um blog com a finalidade de transmitir informações a este respeito é de extrema importância. Por esse motivo, o blog, tem o intuito de propiciar informações pertinentes a respeito do câncer para o internauta, permitindo que o mesmo tenha acesso à artigos, materiais didáticos e informações sobre a doença, desde as suas principais causas, até as formas de seu tratamento. Além disso, são criadas enquetes, e um espaço para discussões e dúvidas.

Dentre as publicações feitas no blog, as pesquisas com maior número de visualizações foram: Autoexame da boca, Lesões precursoras do câncer, Candidose, Mitos e verdades sobre o câncer e Tratamento do câncer bucal.



Gráfico 1: Publicações mais acessadas.

DISCUSSÕES

Os profissionais da saúde fornecem aos pacientes e/ou familiares informações sobre suas condições e tratamento, prevenção secundária e possíveis complicações. Isto pode ocorrer por meio da comunicação interpessoal e/ou diferentes meios como panfletos, manuais e, mais recentemente, recursos computacionais (Bastos,2011). A internet tem-se mostrado uma fonte de informação em saúde de grande relevância para população e a certificação de sites é uma estratégia a ser considerada, na perspectiva de melhoria da qualidade das informações e promoção da saúde pública (Moretti, 2012). No Brasil, estima-se que mais de 10 milhões de usuários acessam sites sobre saúde regularmente (Gianotti,2009). Como o câncer é uma doença que ainda assusta milhares de pessoas, e o câncer bucal uma faceta da doença que afeta em muito a qualidade de vida do paciente, onde o seu tratamento, na grande maioria das vezes, diminuem em muito a qualidade de vida do indivíduo, porém, com grandes possibilidades de terem várias de suas complicações amenizadas ou evitadas, a ideia de utilizar esta ferramenta de internet, ou seja, ter um blog, surgiu com o intuito de transmitir informações a seu respeito, buscando atingir um grande número de pessoas. Além disso, o câncer de boca, assim como o câncer de mama, possibilita a realização de um auto-exame de forma fácil e eficiente, na busca de diagnóstico precoce da doença. Porém, diferente do que acontece com o câncer de mama, no câncer bucal esta importância e metodologia de diagnóstico não tem a mesma divulgação entre a população, e como mencionado, atualmente tem havido um grande acesso dos indivíduos a internet, assim, busca-se com o blog divulgar o projeto intitulado “Projeto Vida” que atende pacientes com câncer de boca, ou em tratamento, e disseminar a população em geral e em qualquer faixa etária, o auto-exame bucal e sua importância na prevenção de doenças bucais e principalmente o câncer de boca.

CONCLUSÃO

Deste modo, entende-se que um blog que aborde o tema câncer é de suma importância, uma vez que os estudos e a procura sobre o tema são inúmeros e portando, se faz necessária trazer informação à pacientes oncológicos, seus familiares e a população em geral, de maneira mais atrativa e abrangente.